



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS: CONTEXTOS  
LUSÓFONOS BRASIL-ÁFRICA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**ROMÁRIO DA ENCARNAÇÃO BOMFIM**

**PREPOSIÇÕES EM VERBOS DE MOVIMENTOS NA ESCRITA FORMAL  
DO PORTUGUÊS DE ANGOLA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE – BAHIA**

**2024**

ROMÁRIO DA ENCARNAÇÃO BOMFIM

**PREPOSIÇÕES EM VERBOS DE MOVIMENTOS NA ESCRITA FORMAL  
DO PORTUGUÊS DE ANGOLA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África da Universidade da Integração Internacional da Lusofonias Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos

SÃO FRANCISCO DO CONDE - BAHIA

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

B683p

Bomfim, Romário da Encarnação.

Preposições em verbos de movimentos na escrita formal do português de Angola / Romário da Encarnação Bomfim. - 2024.

92 f. : il., mapas, color.

Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos.

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Preposições. 3. Língua portuguesa - Verbos. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.509673

# **ROMÁRIO DA ENCARNAÇÃO BOMFIM**

## **PREPOSIÇÕES EM VERBOS DE MOVIMENTOS NA ESCRITA FORMAL DO PORTUGUÊS DE ANGOLA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África da Universidade da Integração Internacional da Lusofonias Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Professor Doutor Eduardo Ferreira dos Santos – UNILAB (Orientador)

---

Professora Doutora Manuele Bandeira – UNILAB

---

Professora Doutora Lavínia Rodrigues – UNILAB

São Francisco do Conde/BA

2024

Ao autor da minha vida, Jesus.

## AGRADECIMENTOS

Rendo graças a Deus, por ter sido e continuar sendo um amigo fiel durante essa árdua jornada, por ter me fortalecido e me levantado nos momentos que faltaram forças e por me honrar dia após dia. Agradeço a Deus pela proteção, sobretudo na estrada, quando eu não tinha tempo para dormir e Ele me guiava rumo às multitarefas. Agradeço, também, por me capacitar e fazer sempre mais do que o esperado. A Deus, eu agradeço pelo dom da vida, pela força inata que me foi dada e pela gana de buscar incessantemente aquilo que me foi prometido: o melhor dessa terra. Deus é o autor e o consumidor da minha história. Sem Ele, eu nada seria. Porque d'Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

À minha mãe, Maria Cremilda, por ser tudo para mim. Mulher guerreira, sábia, companheira, e que demonstra o seu amor não com palavras, mas da forma mais linda: com ações. Minha mãe é a principal responsável por tudo isso. Trabalhou arduamente para me dar uma vida digna, dentro das possibilidades; sempre me mostrou que os estudos são a chave para uma vida digna e emancipada e, acima de tudo, me mostrou o caminho para que eu me tornasse um homem de honra. Palavras nunca serão suficientes para expressar toda a gratidão que eu tenho por essa grande mulher. Te amo, mainha!

Às minhas irmãs, Cleide e Jucy, por serem os meus alicerces e as minhas fontes de inspiração. Sou grato pela parceria da vida, pelas celebrações em cada degrau subido e, acima de tudo, por sempre acreditarem no meu potencial. Hoje eu sou grande, porque tive e tenho grandes referências ao meu lado. Obrigado por sempre me estimularem a querer mais, a ser mais. Amo vocês!

À minha família, de modo geral, pelo amor, cuidado, torcida e apoio. Quando temos uma rede de apoio, de pessoas que talvez nem saibam a motivação de tantos estudos, mas que se orgulham pelos esforços despendidos, o processo fica mais leve. Gratidão!

Ao meu orientador, Eduardo, por ter me acolhido lá no início da minha jornada, na iniciação científica da graduação e ter permanecido até hoje. Agradeço por todos os ensinamentos, por ter lidado com as minhas inseguranças de percurso e, ainda assim, acreditar em mim e no meu potencial. Eduardo sempre foi uma referência acadêmica para mim e eu sou muito grato por tudo, principalmente por ser humano. Obrigado por ter sido um verdadeiro orientador.

Aos professores da UNILAB que marcaram a minha história. Manuele, Shirley, Lavínia, Sabrina, Erica, Eduardo, Wânia, Vânia, Timbane, Denilson, Mirian... Todos vocês, de alguma forma, contribuíram neste percurso. Respeito e admiração para esses grandes doutores.

Aos meus queridos colegas da primeira turma de Mestrado do Campus dos Malês, Unilab. Os dias com vocês foram árduos, porém leves. Agradeço pelas partilhas, pela parceria e pelos momentos. Juntos, fizemos história.

Ao MEL – Mestrado em Estudo de Linguagens, da Unilab, Campus dos Malês, por todo esforço em fazer o programa dar certo e por todo cuidado/suporte durante o processo.

Aos meus amigos pessoais, que vibraram genuinamente a cada degrau conquistado, que torcem por mim, me apoiam e me estimulam a querer mais e mais.

A todos que, de forma única, marcaram a minha vida, a minha gratidão.

Eu sou, porque nós somos. Ubuntu!

“A língua é nosso caminho único para o conhecimento. Mas ao mesmo tempo, também é, em certo sentido, um obstáculo para o conhecimento, pois somente mediante um grande esforço, e nunca por completo, conseguimos nos libertar de seus padrões.”  
(Bertil Malmberg, *A Língua e o Homem*)

## RESUMO

Nesta dissertação, pretendemos apresentar uma descrição das preposições selecionadas em verbos de movimentos na variedade angolana do português, a partir de produções escritas, especificamente, de textos publicados em reportagens de jornais de notícias gerais e jornais da área de turismo. Segundo Castilho (2010), as preposições são palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional, localizando no espaço e no tempo os termos aos quais se ligam, atuando como operadores de predicação, isto é, fazem atribuições de propriedades semânticas às palavras que relacionam. Em relação aos domínios das preposições, diversos estudos apontam propriedades divergentes quando comparamos as variedades brasileira (doravante, PB) e europeia (doravante, PE) do português, principalmente quando relacionamos o seu uso na complementação de verbos de movimentos (Mollica, 1996; Oliveira, 2005; Avelar, 2006; Torres Morais; Berlinck, 2006; Pires, 2010; dentre outros). Avelar (2017), por exemplo, aponta que nos verbos direcionais de movimentos como *ir*, *vir* e *chegar* o PB atesta uma elevada frequência da preposição *em*, em detrimento da preposição *a*, largamente usada no PE, não desconsiderando, também, a preposição *para* presente nas duas variedades. Avelar também nos chama a atenção para o uso de *a* estar relacionada a um possível estilo formal, ao contrário do uso de *em* para situações espontâneas. Demonstramos, então, como essas preposições estão presentes na variedade do português angolano (doravante, PA), a partir de dados que contemplem a modalidade escrita da língua, que pressupõe uma maior formalidade e uso de uma norma linguística distinta da fala, em ocasiões específicas.

Palavras-Chave: Preposição. Verbos de movimento. português angolano.

## ABSTRACT

In this dissertation, we intend to present a description of the prepositions selected in verbs of movements in the Angolan variety of Portuguese, based on written productions specifically from texts published in reports in general news newspapers and tourism newspapers. According to Castilho (2010: 583), prepositions are invariable words that act as the nucleus of the prepositional phrase and locate in space and time the terms to which they are linked, acting as predication operators, that is, attributing semantic properties to the words involved in this relation (CASTILHO, 2010: 584). Regarding the domains of prepositions, several studies point out divergent properties when comparing the Brazilian (henceforth, PB) and European (henceforth, PE) varieties of Portuguese, especially when we relate their use in the complementation of verbs of movements (Mollica, 1996; Oliveira, 2005; Avelar, 2006; Torres Morais; Berlinck, 2006; Pires, 2010; among others). Avelar (2017, p.15), for example, points out that BP in directional verbs of movements such as *ir*, *vir*, and *chegar* attests to a high frequency of the preposition *em*, to the detriment of the preposition *a*, widely used in EP, not disregarding, also, the preposition *para*, present in both varieties. Avelar also draws our attention to the use of *a* to be related to a possible formal style, as opposed to the use of *em* for spontaneous situations. We then present how these prepositions are present in the variety of Angolan Portuguese (hereinafter, PA) based on data that contemplate the written modality of the language, which presupposes a greater formality and the use of a linguistic norm distinct from speech, on specific occasions.

Keywords: Preposition. Movement Verbs. Angolan Portuguese Language.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Regência do verbo "ir" no português de Luanda.....	65
Gráfico 2: Panorama dos verbos de movimento.....	72
Gráfico 3: Panorama das Preposições.....	73
Gráfico 4: Percentual das Preposições.....	81

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa político de Angola.....	24
--------------------------------------	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Kimbundu x PA x PE.....	50
Quadro 2: Preposições: antecedente vs. Consequente.....	52
Quadro 3: Grau de formalidade dos gêneros.....	69

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Grupos etnolinguísticos de Angola.....	28
Tabela 2: Continuum fala X escrita.....	41
Tabela 3: Panorama linguístico de Angola.....	47
Tabela 4: Regência dos VMs por falantes da 6 <sup>a</sup> classe com idades entre 11 e 12 anos...	60
Tabela 5: Regência dos VMs por falantes licenciados com idades entre 40 e 55 anos...	60
Tabela 6: Contrações gramaticalizadas na LP.....	77
Tabela 7: Verbos de movimento e preposições selecionadas.....	89

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>1. ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICO-LINGUÍSTICOS DE ANGOLA.....</b>	<b>19</b>
1.1. A INVASÃO PORTUGUESA EM ANGOLA: DESDOBRAMENTOS DA COLONIZAÇÃO.....	19
1.2. A LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA.....	24
1.3. SITUAÇÃO SÓCIO-LINGUÍSTICA DE ANGOLA.....	27
1.4. O PROCESSO DE NATIVIZAÇÃO DO PORTUGUÊS EM ANGOLA.....	30
<b>2. NORMAS LINGUÍSTICAS E GÊNEROS TEXTUAIS.....</b>	<b>33</b>
2.1. ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA.....	33
2.2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	36
2.2.1. A variação geográfica.....	37
2.2.2. A variação social.....	38
2.2.3. A variação estilística.....	40
2.3. GÊNEROS TEXTUAIS E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA.....	40
2.4. ORALIDADE E ESCRITA COMO PRÁTICAS SOCIAIS.....	44
2.5. NORMA E VARIAÇÃO NO CONTEXTO ANGOLANO.....	46
2.5.1. Variação ao nível fonético.....	47
2.5.2. Variação ao nível morfossintático.....	49
2.5.3. Variação ao nível semântico.....	49
2.5.4. Variação ao nível lexical.....	50
<b>3. OS VERBOS DE MOVIMENTO E AS PREPOSIÇÕES.....</b>	<b>52</b>
3.1. AS PREPOSIÇÕES.....	52
3.1.1. Valores das preposições.....	54
3.2. OS VERBOS DE MOVIMENTO.....	61
3.3. VERBOS DE MOVIMENTO E PREPOSIÇÕES EM OUTRAS VARIEDADES...	63
<b>4. AS PREPOSIÇÕES E OS VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS DE ANGOLA.....</b>	<b>68</b>
4.1. MÉTODOS E MEIOS.....	68
4.2. PREPOSIÇÃO “A”.....	74

4.3. PREPOSIÇÃO “DE”.....	75
4.4. PREPOSIÇÃO “EM” .....	76
4.5. PREPOSIÇÃO “PARA”.....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as diferentes características gramaticais do português brasileiro (doravante, PB) e do português europeu (doravante, PE) têm ocupado a agenda dos estudos linguísticos em larga escala e, nestes estudos, as preposições também tiveram destaque com trabalhos que descreveram e analisaram seus usos e particularidades nas duas variedades.

De modo geral, as preposições podem ser consideradas uma classe morfossintática fechada, ou seja, uma classe em que há baixa possibilidade de criação de novos itens, ao contrário do que encontramos nas classes abertas, como o verbo e o substantivo, por exemplo. Para Castilho (2010), as preposições são palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional (doravante, SP). Ainda segundo o autor, contrariamente ao que apontam alguns gramáticos, a preposição não é uma classe esvaziada de sentido, pois localiza no espaço e no tempo os termos aos quais se ligam, atuando como operadores de predicação, isto é, fazem atribuições de propriedades semânticas às palavras que relacionam (Castilho, 2010). A preposição “de”, por exemplo, pode encerrar as seguintes leituras:

1. “causa”: O gato morreu de fome.
2. “origem”: Os alunos vieram da UNILAB.
3. “modo”: Maria viajou de carro.
4. “tipo material de algo”: Comprei um doce de chocolate

A preposição “em” apresenta as seguintes leituras:

5. “lugar”: Os estudantes moravam em São Francisco do Conde
6. “aquilo que é apontado pelo significado do verbo”: Acredito em Deus. Confio em ti.
7. “modo”: O motoboy colocou as encomendas em fila de espera.

As preposições fazem parte do processo de complementação verbal ao constituírem o SP requerido como argumento de alguns tipos de verbos. Dentre esses verbos, podemos considerar os verbos de movimento.

Os verbos de movimento, também chamados de verbos de direção, aqui são considerados como verbos que envolvem o deslocamento de uma “figura” em direção a um “ponto de referência”, sendo a “figura” representada pelo sujeito verbal, ou seja, é o sujeito que se desloca ao “ponto de referência” (Castilho, 2010, p. 593). São verbos de movimento: ir, vir,

chegar, seguir, partir, caminhar, dirigir-se, viajar, passar, entrar, sair, mudar-se, transferir-se etc. Vejamos um exemplo de verbo de movimento:

(8) A criança foi à escola.

Em (8), temos o verbo “ir” funcionando como um verbo de movimento, sendo “a criança” sujeito da oração e a figura que se desloca para o ponto de referência “escola”, introduzido pela preposição “a”.

Sobre a língua portuguesa, diversos trabalhos discorreram sobre os verbos de movimento e as especificidades presentes no PB e no PE para a complementação direcional desses verbos (Mollica, 1996; Oliveira, 2005; Avelar, 2006; Torres Morais; Berlinck, 2006; Pires, 2010; dentre outros). Segundo Santos (2017), essa singularidade pode ser vista nos complementos com as preposições “para”, em detrimento do recuo da preposição “a” e, sobretudo, a introdução de complementos direcionais com a preposição “em”, inerentemente locativa<sup>1</sup>:

(9) Eu fui À igreja. PB: ok/PE: ok

(10) Eu fui PARA a igreja. PB: ok/PE: ok

(11) Eu fui NA igreja. PB: ok/PE\*

Quando estamos diante de dados como os de (9) a (11), também nos perguntamos como seriam as gramaticalidades destes dados quando nos referimos ao contexto da língua portuguesa fora do eixo Brasil-Portugal. É válido reforçar que o português não se limita ao eixo Brasil-Portugal, ou ao âmbito América-Europa. O português também é a língua de estatuto oficial, no continente africano, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe, embora tenha status diferentes em cada país, seja como língua materna, segunda língua, língua estrangeira ou de uso comercial etc. Assim, é importante que estudos de descrição e análise linguísticas também contemplem essas variedades de português presentes em África.

---

<sup>1</sup> Santos (2017, p. 145), dados (9) a 11) e renumerados. Os destaques em caixa alta nas preposições são nossos. O sinal \* indica uma sentença agramatical na língua.

Avelar (2017) é um destes trabalhos que privilegia a descrição e análise de variedades afro-portuguesas<sup>2</sup>, como exemplificamos nos dados abaixo<sup>3</sup>:

(12) já fui A Ponta Negra. (Cabinda/Angola)

(13) já fui PRA Luanda. (Cabinda/Angola)

(14) dois mil e onze eu vim já aqui NO Zenze. (Cabinda/Angola)

(15) vou PARA lá EM casa dele. (Maputo/Moçambique)

(16) a primeira vez que fui o médico. (Helvécia/Brasil)

Ao analisar as preposições usadas na complementação de alguns verbos de movimento em afro-variedades do português, o autor considera o uso da preposição “a” e “para” na introdução dos complementos verbais como traços conservadores, já que se fazem presentes no PE, diferentemente das que ele considera como traços inovadores, como complementos direcionais introduzidos por “em”, “para” e “em” e complementos direcionais sem preposição.

Assim, se nas descrições e análises linguísticas de dados orais de variedades afro-portuguesas percebem-se singularidades no uso das preposições junto aos complementos direcionais de verbos em movimentos, nosso trabalho objetiva averiguar como essas preposições são realizadas no âmbito da escrita a partir da análise de textos jornalísticos escritos do português angolano.

Conforme aponta Marcuschi (2010, p.35), “a fala tem uma grande precedência sobre a escrita, mas do ponto de vista do *prestígio social*, a escrita é vista como mais prestigiosa que a fala. Não se trata, porém, de algum critério intrínseco nem de parâmetros linguísticos e sim de postura *ideológica*” – grifos do autor. Acreditamos que uma das razões que relegam à escrita um papel de destaque social está relacionada aos gêneros textuais em que se faz presente, já que, como destacam Vieira e Faraco (2019), as nossas práticas de escrita e de leitura são condicionadas pela ideia de gênero textual.

O gênero textual pode ser definido como uma referência aos

---

<sup>2</sup> Avelar (2017) considera as afro-variedades como dois conjuntos de variedades linguísticas: (i) variedades de português e espanhol faladas como primeira (L1) ou segunda (L2) línguas na África; e (ii) variedades de português e espanhol faladas em afro-comunidades da América Latina. O autor também pontua que entende por afro-comunidades o que é definido por Lucchesi, Baxter, Silva e Figueiredo (2009): as comunidades formadas, em sua maior parte, por descendentes de escravizados africanos e que ocuparam regiões afastadas do interior do país (no caso, o Brasil), isolados e dependentes da agricultura.

<sup>3</sup> Avelar (2017, p. 145), dados (4a), (5b), (6a), (7b) e (8a), respectivamente, e renumerados. Os destaques em caixa alta nas preposições são nossos.

textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Para Bergmann e Luckmann (1995 *apud* Marcuschi, 2008, p.190), os gêneros são marcados por “um estoque comum de conhecimentos diários sobre normatividade e reputação social da atividade comunicativa prescritos e moldados pelos gêneros”. Logo, se os gêneros estão distribuídos na sociedade, são apreendidos como “padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas” (Marcuschi, 2008, p.190). Em sociedades em que a escrita é privilegiada, haverá o uso de gêneros em que essa prática é culturalmente rotineira, como um texto jornalístico.

A língua materializada em um gênero textual nos permite acompanhar que nossos comportamentos verbais vão além de uma gramática implícita, mas estão também regulados socialmente (Faraco e Zilles, 2017). Assim, desde regulações mais tênues e mais livres, como a fala de um grupo de jovens ou de crianças entre si, a situações mais estritamente reguladas, como falar em um congresso científico ou o modo de falar, escrever e ler textos escritos nos meios de comunicação social, “os falantes desenvolvem o senso de adequação da expressão linguística em cada situação em decorrência da experiência social que têm das respectivas práticas” (Faraco e Zilles, 2017, p. 64).

Se considerarmos as regulações mais controladas, como leis e documentos oficiais, falas institucionais, determinados textos em veículos de imprensa etc., notamos que

as formas linguísticas tidas como mais adequadas para uso nestas situações são, em princípio, objeto de um estudo mais sistemático, costumam (pelo menos em parte) ser registradas por escrito em dicionários, gramáticas e manuais de estilo e se tornam matéria de ensino escolar e cultivo dos falantes que se envolvem mais diretamente nessas práticas discursivas. Dá-se aí, em princípio, um processo de transmutação de aspectos da norma culta em norma-padrão, como, por exemplo, as regras de concordância verbal das gramáticas normativas do português que tentam ser um retrato do uso culto (Faraco e Zilles, 2017, p. 64).

Para Marcuschi (2010), a escrita não é estigmatizadora por estar pautada pelo padrão e não serviria como fator de identidade individual ou grupal. Para o autor, a fala, sim, levaria à

estigmatização do indivíduo, pois ao “atestar a variação e em geral pautar-se por algum desvio da norma, tem caráter identificador. É possível que identidade seja um tipo de desvio da norma padrão” (Marcuschi, 2010, p. 36).

Nosso trabalho, então, objetiva descrever as preposições em verbos de movimento e observar se ocorre uma diferenciação ou alternância dessas preposições no português angolano (doravante, PA) aproximando-se dos traços conservadores, como o PE, ou traços inovadores, das demais afro-variedades do português nos termos de Avelar (2017). A pesquisa foi realizada a partir de notícias escritas do português angolano, em que se pressupõe o uso de uma norma culta em uma situação regulada como é um texto de notícia em um veículo de imprensa.

Seguindo a parte introdutória, o primeiro capítulo se dedicará a explorar os aspectos sociais, históricos e linguísticos de Angola, abordando o processo de formação da nação angolana, o percurso da chegada da Língua Portuguesa em Angola e a sua conseqüente nativização. No capítulo dois, nos debruçaremos sobre as questões de normas linguísticas e gêneros textuais, abordando questões de variação linguística, as relações entre oralidade, escrita, gêneros textuais e seus impactos na sociedade angolana. O capítulo três é dedicado às definições dos verbos direcionais e preposições, trazendo análises gerais sobre os itens supracitados. No capítulo quatro, nos dedicamos inteiramente em expor e analisar os dados desta pesquisa, explicando individualmente cada ocorrência encontrada no percurso dessa pesquisa. Finalmente, após o capítulo de discussão, encontraremos o capítulo dedicado às considerações finais, em que reunimos os principais resultados nessa pesquisa.

## CAPITULO 1

### ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICO-LINGUÍSTICOS DE ANGOLA

Angola é um país situado na zona intertropical da África Austral, localizado ao Sul do Equador. A formação da nação angolana e a sua relação com a língua portuguesa tiveram fortes influências dos eventos colonizatórios, iniciados no século XV. Neste capítulo, discutiremos o processo de invasão e ocupação dos portugueses em Angola e a sua influência na oficialização da Língua Portuguesa.

#### 1.1. A INVASÃO PORTUGUESESA EM ANGOLA: DESDOBRAMENTOS DA COLONIZAÇÃO

Na chamada Era dos Descobrimentos, Portugal desempenhou um forte papel no processo de conquistas territoriais e poderio de diversos povos. Baseado em fins econômicos, políticos, estratégicos e religiosos, no século XV, Portugal deu início às incursões além-mar para os territórios angolanos. Os primeiros registros de portugueses em territórios angolanos correspondem o período de 1482 a 1484, quando eles, liderados pelo navegador Diogo Cão, avançaram pelo Rio Zaire e mantiveram contato com o Reino do Congo e com regiões de Angola (Santos, 2015).

Segundo Dias (1989), o processo de expansão da posse dos portugueses sobre os territórios de Angola se efetivou no ano de 1575, tendo Paulo Dias de Novais na carteira de conquistador e donatário oficial dessa grande faixa territorial de Angola, incentivando mais de um século de guerra com o reino africano de Ndongo<sup>4</sup>, culminando na destruição do poder político independente do Ngola<sup>5</sup>. A partir da década de 1575, ocorrem a conquista militar das regiões do vale do rio Cuanza e a colonização direta de Angola, marcada pela fundação da cidade de São Paulo da Assunção de Luanda (Santos, 2015).

A supremacia portuguesa sobre Angola foi marcada pela criação de um entreposto comercial que servia como uma espécie de centro de distribuição de escravos africanos para as

---

<sup>4</sup> Foi um antigo reino localizado na região central de Angola. Foi um dos estados mais poderosos e influentes da região antes da chegada dos europeus.

<sup>5</sup> Ngola é um título usado para se referir ao governante do antigo reino de Ndongo.

plantações de cana-de-açúcar no Brasil. A Angola, dominada por Portugal, começou a se libertar dos três séculos de tráfico de escravos, em passos lentos, no ano de 1836, governado pelo governador-geral Pedro Alexandrino da Cunha (Pelissier, 1997).

É importante notar que diversas medidas foram tomadas para que o tráfico de negros africanos fosse erradicado, como ocorreu nas mediações do século XIX, por imposição da Inglaterra (Santos, 2015), mas o processo de colonização europeu em Angola permeou por leves desacelerações e, muitas vezes, diversos picos, mesmo diante de decretos/proibições.

Diante de todo o processo colonizatório, sobretudo nos episódios das invasões portuguesas, pareceu existir um certo senso de tranquilidade, mas a disputa no que diz respeito à hierarquia entre colonizados e colonizadores sempre foi algo muito latente, pois, conforme Hernandez (2008), os territórios angolanos, na visão do colonizador, estavam divididos em dois grupos: em um lado estavam os brancos, mestiços e negros assimilados, que desfrutavam de certos prestígios sociais e, do outro lado, estavam os indígenas, que ocupavam um lugar de subalternidade<sup>6</sup>.

Os assimilados eram compreendidos a partir de dois vieses: assimilados passivos (ou alienados), que se sentiam desintegrados do seu mundo social, se sentiam cidadãos europeus pelo simples fato de terem passado pelo processo de assimilação; e os assimilados ativos, que usufruíam dos direitos direcionados aos assimilados de forma mais “consciente”, usando dos conhecimentos adquiridos na escola e da própria língua do colonizador para denunciar as mazelas do processo colonizatório (Zau, 2011, p.99).

A partir do descontentamento dos assimilados ativos, por volta de 1948, começam a aparecer os primeiros movimentos nacionalistas de luta em prol da libertação de Angola e o fim da colonização. Nas mediações das décadas de 50 e 60, surgiram os três principais grupos da militância pela libertação de Angola que entraram em conflito direto com o poder colonial, foram eles: o Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA), Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

A luta pela independência foi bastante árdua, durando cerca de catorze anos e ainda contou com divergências entre os três principais grupos de luta pela independência, que inclusive passaram a atuar separadamente. Depois desses catorze anos, em 11 de novembro de

---

<sup>6</sup> Para os colonizadores, eram considerados indígenas os negros africanos que não haviam assimilado a cultura europeia. A divisão era feita entre assimilados e indígenas, sendo os indígenas aqueles que não se submeteram à religião, costumes, estilo de vida português e/ou aqueles que ainda não dominavam com fluência a LP.

1975, o MPLA declarou a independência de Angola, tendo como presidente o poeta Agostinho Neto.

A independência de Angola proclamada por Agostinho Neto contou com o reconhecimento de Portugal, todavia a desunião entre os grupos de luta não impediu a ocorrência de guerras pós-coloniais, tudo em nome do controle do país. Em 27 de maio de 1977, o MPLA desencadeou um golpe, o fraccionismo<sup>7</sup>, gerando uma luta que durou cerca de dois anos. No intuito de combater o MPLA, a UNITA e a FNLA se juntaram e a guerra se prolongou por vinte e sete anos – 1975 a 2002 (Figueiredo; Oliveira, 2013, p.121).

Atualmente, Angola conta com um quantitativo populacional de cerca de 25.789.024 pessoas<sup>8</sup> habitantes, distribuídos entre as 18 províncias e tem como capital a cidade de Luanda. O sistema político de Angola é multipartidário e é governado pelo presidente João Manuel Gonçalves Lourenço, do MPLA. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Angola é de 0,574 e o país ocupa a 149ª posição num *ranking* de 189 países, sendo alocando na categoria de desenvolvimento médio<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> O Fraccionismo, também chamado de grupo do Nito ou mitismo, foi um movimento político angolano, liderado por Nito Alves, ex-dirigente do MPLA. Foi um movimento que se contrapunha à centralidade do poder.

<sup>8</sup> Dado do último censo realizado em 2014 – cf. [http://www.embajadadeangola.com/pdf/Publicacao%20Resultados%20Definitivos%20Censo%20Geral%202014\\_Versao%2022032016\\_DEFINITIVA%2018H17.pdf](http://www.embajadadeangola.com/pdf/Publicacao%20Resultados%20Definitivos%20Censo%20Geral%202014_Versao%2022032016_DEFINITIVA%2018H17.pdf) (Acessado em 18/11/2023).

<sup>9</sup> Número informado pelo PNUD, Nações Unidas (2019)



angolano. Conforme Santos (2015), esse povoamento contou com a chegada de cerca de 100 famílias, maioritariamente de portugueses desterrados, e 400 soldados. O objetivo principal dessa colonização, para além da costumeira exploração da mão-de-obra escrava, era a exploração dos recursos naturais que abundavam nos solos angolanos e das minas de prata.

O domínio de Portugal sobre o território e o povo de Angola foi consolidado nos séculos XVII e XVIII com o estabelecimento de um entreposto comercial, cujo principal objetivo era funcionar como um fornecedor de negros escravizados para as grandes plantações de cana-de-açúcar nos solos férteis brasileiros (Santos, 2015). Diante disso, infere-se que a principal atividade econômica dos colonizadores portugueses era o fornecimento de negros angolanos para serem escravizados no território brasileiro.

É importante ressaltar que durante todo esse período de comercialização de escravizados, a presença de portugueses em Angola era ainda muito baixa, logo, a presença da Língua Portuguesa em Angola era ínfima. Foi somente depois da independência do Brasil, em 1822, que os europeus mudaram de planos e começaram a se interessar pelo povoamento e colonização do território angolano. A partir disso, a população europeia em Angola passou por um processo de crescimento constante, até que por volta de 1973, chegou ao número de mais 600 mil (Petter, 2008).

Foi a partir dessa forte presença portuguesa em Angola que se iniciou um contato massivo entre as línguas nativas e a língua portuguesa. Nas áreas mais povoadas de Angola, foram criadas escolas públicas, enquanto nas áreas rurais a educação era assumida pelas missões cristãs, que tinham dois objetivos básicos: civilizar ou educar o africano e “nacionalizá-lo”, ou fazer dele um português leal (Wheeler e Pelisier, 1971 apud Petter, 2008, p 44).

Diferentemente do que ocorreu em algumas colônias de Portugal, existia um grande estímulo por parte da coroa em instituir a língua portuguesa como língua da colônia. Esse estabelecimento da língua portuguesa pôde ser percebido a partir do momento em que, por meio do decreto nº 77, de 1921, foi proibido o ensino das línguas nativas nas missões; a maioria das aulas eram dadas em língua portuguesa e todos os livros publicados em línguas vernáculas tinham de conter uma tradução portuguesa, o que, concomitantemente, espalhou a língua do colonizador entre os africanos (Ahlefeldt-Denh, 1989, p.3 apud Petter, 2008, p.45).

Outro ponto que favoreceu o estatuto da Língua Portuguesa (doravante, LP) no território angolano foi o processo de estratificação social, fortemente estruturado pelo processo da

política assimilacionista vigente. Segundo Zau (2011, p.101), essa política assimilacionista foi uma ação da política linguística colonial que visava difundir e impor a LP, preservando a sua supremacia diante das línguas autóctones com as quais coabitava. Diante disso, essa ação da política linguística colonial se apoiou em algumas premissas:

i) Assimilacionismo como caminho para a europeização - uma possibilidade instaurada pelo Estado Novo, que possibilitaria ao angolano, sendo ele preto ou mestiço, tornar-se um cidadão português, o que significa gozar dos mesmos direitos de um europeu nato. Essa alternativa da assimilação só era permitida a partir dos 18 anos e exigia do angolano plenas habilidades no âmbito linguístico (saber ler, escrever e falar o português com fluência) e até mesmo mudanças no vestuário e no campo religioso, uma vez que o candidato à assimilação precisava se portar como um europeu e até mesmo professar a mesma fé. Aquele que conseguisse manter esses padrões, conseguia a “europeização”.

ii) Domínio do padrão europeu da LP contra as variedades reestruturadas da LP – os angolanos foram expostos à necessidade de aprender a LP mas, para além dessa língua, eles tinham contato com diversas outras línguas, inclusive as línguas maternas. É certo que com os angolanos já dominavam a LP, mas o constante contato linguístico acaba por influenciar certas modificações na língua, corroborando para o que chamamos de uma variedade reestruturada. Para que o angolano pudesse ascender à europeização, era necessário falar a LP à maneira europeia.

iii) Implementação de colonatos agrícolas no interior para controlar a ação dos movimentos nacionalistas – Portugal usou da força militar para se apossar de terras angolanas. Isso aconteceu porque diante dos diversos movimentos nacionalistas, Portugal percebeu-se obrigado a ampliar a sua presença nesses territórios e penetrou-se o mais longe possível no interior, implantando os colonatos agrícolas<sup>10</sup>.

iv) Política de aldeamentos como forma de evitar a dispersão – como forma de evitar as dispersões dos povos, diante de pressões contra o regime na metrópole e as manifestações dos movimentos nacionalistas, Portugal mais uma vez fez uso da força militar para criar aldeamentos, que foi um processo descrito por Bender (2004 apud Zau, 2011) como criação

---

<sup>10</sup> Os colonatos agrícolas foram políticas legalizadas criadas na antiguidade que consistia em colocar colonos para cultivar nas terras dos proprietários e, como forma de pagamento por aquele pedaço de terra cedido, os colonos entregaram parte da colheita para os proprietários da terra.

de vastas aldeias organizadas pelos militares, por vezes até cercadas por arame farpado, onde se agrupavam africanos dispersos.

Diante do exposto, é perceptível que o domínio da língua portuguesa servia como parâmetro para ascender ou não na sociedade. Nessa perspectiva, é possível compreender que a língua portuguesa foi estabelecida como língua da colônia em Angola, porque houve forte imposição por parte da coroa portuguesa. Aqueles que não dominassem a língua do colonizador, continuariam vivendo à margem da sociedade, numa posição subjugada e de oportunidades ínfimas.

### 1.3. SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA

A grande maioria da população angolana que vive nos bairros pobres das cidades costeiras ou nos interiores rurais tem como língua materna algumas das línguas africanas que são faladas no país. Essas línguas africanas são subdivididas em dois grupos específicos, o grupo bantu e o grupo khoisan, sendo que as línguas do grupo bantu são, largamente, as mais faladas no cenário angolano, o que impactou na seleção de seis línguas africanas do grupo bantu para ocuparem o estatuto de línguas nacionais: umbundo, kimbundu, kikongo, cokwe, mbunda-ngangela e ovakwanyama.

Não existem dados que apontem com exatidão o quantitativo de falantes de cada língua africana em Angola, todavia, conforme Inverno (2009, p.118), estão disponíveis algumas estimativas, que seguem na tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Grupos etnolinguísticos de Angola

	Povo	Língua	Estatuto	Falantes (1996)
BANTO	Ovimbundu	Umbundu	Língua nacional	30%
	Ambundu	Kimbundu	Língua nacional	15%
	Bakongo	Kikongo	Língua nacional	8,5%
	Tucokwe	Cokwe	Língua nacional	6%
	Vangangela	Ngangela	Língua nacional	14%
	Ovambo	Ovakwanyama	Língua nacional	
	Ovandonge	Oshindonga	--	
	Ovanyaneka-Nkhumbi	Olunyaneka	--	
Ovahellelo	Oshihelelo	--		
NAO-BANTO	Khoisan	Khoisan	--	
	Vátwa	Vátwa	--	

(Fernandes e Ntondo, 2002; Hodges, 2004 apud Inverno, 2009, p.119)

A língua portuguesa, no entanto, segundo estatísticas do INE<sup>11</sup> de 2014, conta com cerca de 71,15% de falantes e, além disso, com exceção do Brasil, Angola é o país onde se visualiza maior crescimento no número de falantes de LP. Esse censo, todavia, não traz clareza acerca do nível desses falantes, se todos esses 71% têm a LP como língua materna ou se foram considerados os falantes de português como língua materna e segunda língua (Bernardo, 2018, p. 45 apud Oliveira, 2019).

<sup>11</sup> Instituto Nacional de Estatísticas de Angola.

Nesse sentido, é necessário trazer à luz que, diferente do que é propagado implicitamente pela mídia e pelos governantes, como afirma Inverno (2009), a variedade do português que tem se expandido em grande escala na Angola, não se trata da variedade padrão europeia, mas de uma nova variedade nacionalmente angolana, resultado da coabitação da língua portuguesa e das línguas africanas, que inclusive continuam a ser as mais faladas no dia-a-dia pela maioria da população.

Mingas (1998) traz à tona a necessidade de se explorar um pouco mais o estatuto real da LP em Angola, se ela performa como uma língua estrangeira ou com uma língua segunda. À nível comparativo, Mingas relaciona a LP com o Francês e o Inglês<sup>12</sup> e/ou línguas africanas, como o Lingala<sup>13</sup>, que apresentam um grande número de falantes. Ainda em consonância com a autora, a diferenciação desses termos não se liga ao fato de as línguas coexistirem no país, haja vista que essa é uma realidade nacional angolana, mas sobre o ponto de vista que é considerado para se fazer essa análise.

Existem discussões e generalizações que apontam a LP como língua estrangeira em Angola, isso do ponto de vista de ser a língua do colonizador, todavia, se nos debruçarmos sobre o conceito de língua estrangeira que, conforme Mingas (1998), seria uma língua diferente da falada pelos membros de uma dada comunidade linguística, estaríamos diante de algumas várias possíveis generalizações.<sup>14</sup> Nesse sentido, o significado se aplicaria muito bem se houvesse países monolíngues, que possuem uma única comunidade linguística, o que não é o caso. Quando se trata de Angola, um exemplo de país que tem como umas das maiores características a multiplicidade linguística, histórica e antropológica, o conceito de língua estrangeira, referente ao português, deve ser ponderado pois, nesse combo, entrariam também o Francês, Inglês e Lingala, já que estas coexistem com o Português (*ibid.*).

Nesse mesmo sentido, Mingas (1998) nos alerta que, partido do pressuposto supracitado, o Kimbundo seria língua estrangeira para um locutor de Umbundo e vice-versa. E, para além disso, essa tese poderia levar os falantes de Umbundo a acreditar que todas as línguas africanas de Angola são línguas estrangeiras, uma vez que o Umbundo é a única língua utilizada exclusivamente em Angola. É necessário, portanto, reconhecer que, ao contrário do Francês,

---

<sup>12</sup> Aprendizagem obrigatória a partir do 2º nível de ensino (Mingas, 1998, p. 6).

<sup>13</sup> Língua africana original da República Democrática do Congo e língua primeira de elementos da diáspora angolana (MINGAS, 1998:6).

<sup>14</sup> Na área da linguística aplicada, a discussão de língua estrangeira/adicional ganha contornos mais densos e específicos.

Inglês e Lingala, o Português e as línguas africanas faladas em Angola há mais de cinco séculos são as únicas utilizadas na socialização dos angolanos (Mingas, 1998, p.7).

Mingas expõe todas essas reflexões para problematizar a real necessidade de se adotar um ponto de vista mais concreto para a definição dos estatutos das línguas. A autora sugere a adição do fator tempo nessa consideração e não tão somente as comunidades linguísticas, assim será possível desvincular o estatuto do português com o estatuto do inglês, por exemplo. Dessa forma, para Mingas (1998), não cabendo ao português o estatuto de língua estrangeira, resta-lhe o estatuto de língua segunda, sendo possível já se verificar, atualmente, inúmeros casos de falantes de português em Angola como língua primeira.

Miguel (2008) nos chama atenção que, atualmente, a língua portuguesa, para os angolanos, é tida como elemento de identidade do povo e não se trata mais de uma língua estrangeira, sendo língua segunda e primeira de muitos angolanos. Para a autora, quando há a apropriação da Língua Portuguesa

Modificamo-la, adaptamo-la à nossa mundivivência, submetemo-la às nossas necessidades comunicacionais, em consonância com a nossa idiossincrasia. Necessariamente, inevitavelmente, está a ficar impressa nela, a nossa angolanidade. A Língua Portuguesa está a angolanizar-se como, também, já se abrangeira (Miguel 2008, p.40).

As impressões de Miguel (2008) também são compartilhadas por Mingas (1998), Inverno (2009), Sassuco (2016), Santos (2020), entre outros, que discutem a necessidade de afirmar uma variedade angolana do português a partir de suas especificidades linguísticas, nos mais diversos fenômenos linguísticos, e em interseção com o contato linguístico junto às línguas nacionais que ainda se faz presente, além dos aspectos sócio-históricos que não podem ser ignorados.

#### 1.4. O PROCESSO DE NATIVIZAÇÃO DO PORTUGUÊS EM ANGOLA

O processo de nativização da LP em Angola, segundo Gueleka (2021), é compreendido em diversas fases, que percorrem desde os primeiros contatos dos colonos com as populações nativas, no século XV, permeia por todo o processo de imersão dos colonizadores, até o atual estágio de afirmação latente e cada vez mais frequente dessa língua como algo próprio de Angola, inclusive pelo fato do crescimento constante de populações que têm a LP como língua materna.

Os itinerários formativos da variedade angolana do português, conforme Gueleka (2021), são muito semelhantes aos processos de formação das variedades africanas do português, o que engloba aspectos de naturezas linguística, histórica, econômica e cultural. Este é considerado um processo relativamente recente e pode ser compreendido em duas fases: pré-colonial e pós-independência.

As variedades africanas do português (doravante, VAPs) emergiram no período pré-independência, todavia registrou maior afirmação apenas no período pós-independência e é por isso que este é considerado um processo tardio. Essa afirmação tardia das VAPs é explicada pelo fato de os países africanos terem vivido até muito tarde na periferia do império colonial, o que foi parcialmente mudado apenas na primeira metade do século XIX (Vansina, 2001 apud Gueleka, 2021). É importante ressaltar que, quando se fala sobre uma afirmação pós-independência das VAPs, nos referimos ao fato de que a aquisição e aprendizagem do português de forma generalizada ocorreu apenas no período pós-independência. A aprendizagem/aquisição da LP estava atrelada ao prestígio social, ou seja, apenas a alta sociedade tinha esse domínio e, não por coincidência, essa pequena elite africana estava, via de regra, ligada ao poder político (Gueleka, 2021).

A aquisição do português pelos africanos acontecia na qualidade de língua não materna, tinha influência de fatores sociais e linguísticos muito específicos, logo, a emergência das VAPs ocasionou uma grande reestruturação linguística. Para além das questões linguísticas, dos tempos passados até a contemporaneidade, a LP já apresentou alguns estatutos, tendo sido língua franca (nos primeiros contatos com os colonos e no período pós-independência), língua de civilização (enquanto instrumento da máquina colonial), língua de prestígio (períodos colonial e pós-colonial) e, por fim e até agora, língua oficial (Inverno, 2011 apud Gueleka, 2021, p.178).

Quando se refere ao continente africano, existe uma forte tendência social de compreender a África como um todo, invalidando o seu caráter de continente com 54 países, as especificidades de cada país, as diferenças antropológicas, culturais, linguísticas de cada lugar. Isso não é diferente quando o assunto está atrelado às variedades africanas da língua portuguesa, pois, inicialmente, houve a tendência de caracterizar o português em África como uma coisa só, como algo homogêneo. Inclusive, em consonância com Castro (2006), as estatísticas que

põem a língua portuguesa no pódio de quarta língua mais falada no mundo<sup>15</sup>, não podem levar em conta, para fins censitários, o quantitativo total de habitantes de cada país cuja língua oficial é o português, haja vista que o fato de habitar um país de língua oficial portuguesa não implica a habilidade com a língua. Atualmente, com o avanço das pesquisas nessa área, já consideramos as variedades das línguas portuguesas em África, caracterizando-as de acordo com as suas diferenças em cada país<sup>16</sup> (Gueleka, 2021).

Ainda em consonância com o autor, alguns fatores como a escolha do português como língua exclusiva oficial, a grande mobilidade social das populações nativas e a massificação do ensino acentuaram o uso do português como língua nos territórios das ex-colônias de Portugal. Gueleka ainda acrescenta que a LP passou a ocupar lugares que outrora eram ocupados pelas línguas nativas e, além disso, nos primeiros anos de colonização, a LP serviu como língua franca nos contatos com os colonizadores portugueses. Esse uso massivo da LP (até então, L2), culminou na perda de competência linguística da L1.

Outrossim, Hagemeyer (2016) afirma que o que contribuiu para o enraizamento da língua portuguesa como língua franca em Angola foi a presença massiva da LP no período pré-independência. Esse enraizamento foi ainda mais fortalecido com o êxodo das populações falantes de línguas bantu do interior para o litoral, principalmente para a capital, Luanda, ocasionado depois da independência, que culminou em um grande período de conflito armado (1975-2003), fortalecendo o estatuto de língua franca da LP.

---

<sup>15</sup> Conforme a Agência Brasil, a Língua Portuguesa é a quarta mais falada no mundo, com cerca de 260 milhões de falantes, o que corresponde a 3,7% da população mundial, ficando apenas atrás do Inglês, Mandarim e Espanhol. Dados de 2022.

<sup>16</sup> Em casos específicos, procede-se com a caracterização que leva em conta as semelhanças na situação linguística dos países. Para Gonçalves (2004), seria possível agrupar as VAPs em dois grupos, levando em conta as línguas com as quais tiveram contato, são eles: grupo bantu (Angola e Moçambique) e grupo dos crioulos (Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé). Para Hagemeyer, também seria possível agrupar as VAPs em dois grupos, mas estes seriam definidos baseado no seu número de falantes, ou seja, de um lado estariam Cabo Verde e Guiné-Bissau, países em que maioria o português não é L1 para a maioria dos falantes e, do outro lado, Angola, Moçambique e São Tomé, onde é possível verificar números cada vez maiores de falantes da LP como L1.

## CAPÍTULO 2

### NORMAS LINGUÍSTICAS E GÊNEROS TEXTUAIS

Neste capítulo, trataremos acerca dos gêneros textuais e sua relação com a escrita. Também entendemos que precisaremos abordar as noções de norma e sua relação com algumas situações linguísticas que se manifestam através das realidades materiais dos textos. A intersecção entre fala e escrita e gêneros textuais é importante, inclusive, quando consideramos o continuum fala/escrita e as consequências dessa relação quando estamos lidando com a regulação social da língua.

Pala além disso, como estamos trabalhando com textos jornalísticos, será interessante perceber como as manifestações dos usos das preposições em verbos de movimentos no português de Angola, na modalidade escrita, refletem o que seria preconizado socialmente dentro desses “padrões”, mas, antes, nos debruçaremos sobre as questões do ensino da Língua Portuguesa em Angola e as suas nuances.

#### 2.1. ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA

Angola performa no cenário linguístico como um país multilíngue, contando com um amplo mosaico de línguas que coabitam entre si. Dentre todas essas línguas, o português protagoniza com o estatuto de língua oficial, sendo também uma das línguas mais faladas em Angola. Bernardo (2017) diz que essa confluência linguística em Angola tem fortes implicações dentro do processo do ensino e aprendizagem, considerando que a proximidade entre essas línguas que coabitam nacionalmente gera uma nova variedade linguística do português, cujas características lexicais, fonéticas e fonológicas, construções sintáticas e morfológicas diferem do padrão europeu da língua (PE).

Pelo fato de Angola ser um país multilinguístico, não se pode lançar sobre a educação de Angola, especificamente sobre o ensino de língua nas escolas de Angola, um olhar normatizado, uma vez que essa estratégia didática baseada na norma se relaciona fortemente com cenários homogêneos, onde não há variação, caso estes existissem. Angola é um país heterogêneo e, nesse sentido, possivelmente um ensino baseado na norma não abrangerá a heterogeneidade presente na nação angolana.

Bernardo (2017) sugere que o ensino se volte para a análise reflexiva e crítica da língua, que foque nos seus usos sociais e no estabelecimento da interação comunicativa entre as participantes do processo comunicacional (emissor e receptor). Bagno (2007) acrescenta que, na medida em que o ensino afina as suas raízes nas variações linguísticas, reforça a ideia de que a intenção da educação é, antes de mais nada, a formação do aluno e o desenvolvimento das suas habilidades de reflexão e uso crítico da língua.

No que tange à norma, Monteagudo (2011) afirma que estas podem ser compreendidas a partir de dois vieses: o objetivo e o prescritivo. A fim de simplificá-los, esses dois pontos de compreensão acerca da norma podem ser entendidos, respectivamente, por dois adjetivos derivados, são eles: *normal*, que tem relação com algo cotidiano/rotineiro; e *normativo*, que tem relação com regra/imposição. Vale ressaltar, então, que a variante normal é percebida diante das relações sociais entre os falantes da língua, é uma variante que se liga aos usos da língua e, também, é a variante mais comum diante de uma variedade linguística. Por outro lado, a variante normativa refere-se às instruções, aos manuais e tem forte relação com as rotulações de certo/errado, aconselhável/desaconselhável; nesse sentido, a variante prescritiva é, também, conhecida como a norma-padrão.

Antunes (2007) defende que a norma-padrão não figura como uma experiência efetivada, mas sim permeia pelo campo da imaginação, do objetivo, da expectativa. Em concordância com Monteagudo, Antunes defende que a norma é, também, subdividida a partir de dois prismas: a norma como regularidade e a norma como prescrição. O primeiro diz respeito àquilo que é regular, usual, corriqueiro e o segundo corresponde à normatividade, à forma como deve ser. É importante frisar que, embora existam esses dois olhares, a autora tem maior afeição ao conceito de norma linguística como normalidade, em vez de considerá-la como certo ou errado.

Tendo em vista o mosaico linguístico existente em Angola, o tanto de interferência que a língua portuguesa sofre em razão do contato com as línguas nacionais, não há sentido em basear o processo de ensino e aprendizagem na normatividade/prescrição, pois a norma do PE não reflete a mundividência do povo angolano. Essa afeição à normatividade europeia se dá em razão da ainda ínfima exploração da sociolinguística angolana. É necessário olhar a língua a partir de um prisma social, considerando os seus usos e a sua aplicabilidade.

É importante ressaltar que trabalhar com gêneros textuais e as especificidades linguísticas neles presentes é uma forma de sanar algumas carências apontadas por Zau (2011) sobre a variante do português angolano. Para Zau, Angola

i) carece de um levantamento do português fundamental, isto é, mais usual, e o que ele traduz em termos de uso pela população angolana, por áreas geográficas, a nível da compreensão, expressão oral e expressão escrita; ii) carece de estudo apurado sobre a descrição fonética, morfossintáctica e semântica, passível de delimitar as marcas desse português, quer decorrendo de uma evolução natural da língua, quer resultando do contacto interlinguístico (interferências LP + LNOA<sup>17</sup> e LNOA + LNOA). O mesmo é dizer que tal como se estabeleceram normas para as actuais línguas nacionais, dever-se-á fazê-lo em relação à língua portuguesa-língua nacional de Angola (ZAU, 2011, p.117).

Segundo Zau (2011, p.117), essa padronização do português angolano viabilizaria

a) o estabelecimento de tal português padrão angolano; b) a definição da variante do português angolano a ser ensinada; c) a re-orientação da problemática das normas linguísticas como a revisão e estruturação de gramáticas descritivas e normativas; d) o estabelecimento de critérios para a ortografia oficial das línguas; e) a elaboração de métodos adequados ao ensino da língua portuguesa e das LNOA; f) a produção de material didáctico que permita a realização dos objectivos, conteúdos programáticos e aplicação dos métodos e técnicas de ensino.

Nesse sentido, Bernardo (2017) propõe que a sala de aula seja um ambiente de reflexão, onde o professor deve ser o meio de levar essa reflexão para os estudantes, de modo que eles sejam expostos ao questionamento, que considerem as mais variadas faces da língua e se tornem verdadeiros pensadores. A grande problemática dessa situação é que Bernardo parte do ponto de vista de que o professor tem essa formação liberta, ampla e múltipla, mas nem sempre essa é a realidade. Se o professor tiver uma formação afincada à normatividade, o que vai acontecer é o contrário do que Bernardo propõe: estaremos diante de um ambiente que, em vez de levar à reflexão acerca da língua, vai levar à vontade iminente da busca pela perfeição linguística. Paulo Freire (2005) diz que, quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar opressor, nesse sentido, caso docente não tenha tido uma formação transgressora (nos termos de bell hooks), libertadora, há fortes possibilidades de ele dar seguimento nessa rede de opressão linguística.

Para Marcuschi (2008), a escola tem um papel fundamental no processo de ensino da língua portuguesa. Ao se questionar acerca do que a escola teria de contribuição no processo de domínio da habilidade comunicacional do estudante, sendo que ele já sabe como se comunicar de forma suficiente e eficaz, o autor reforça, em seus argumentos, que o que a escola não deve

---

<sup>17</sup> LNOA – Língua Nacional de Origem Africana.

fazer é ensinar aos seus alunos aquilo que eles já sabem e nem tolher as suas capacidades de interação já instaladas. Marcuschi acrescenta que uma boa resposta para esse questionamento é que o papel da escola não é ensinar línguas, mas ensinar usos da língua e formas não corriqueiras de comunicações escrita e oral.

Na medida em que o ensino de língua é focado nos seus usos reais e cotidianos, de forma empírica, focado no contexto da compreensão, produção e análise textual, os estudantes se atraem mais pelos estudos e obtêm melhores resultados pois,

Nessa perspectiva, o trabalho em língua materna parte do enunciado e suas condições de produção para entender e bem produzir textos. Sem esquecer a língua, essa mudança do foco iria do significante à significação. Do enunciado à enunciação. Da palavra ao texto e deste para toda a análise e produção de gêneros textuais. É uma forma de chamar a atenção do aluno para a real função da língua na vida diária e nos seus modos de agir e interagir. Nesse percurso, nota-se que a língua é variável e variada, as normas gramaticais não são tão rígidas e não podem ser o centro do ensino (Marcuschi, 2008, p. 55-56).

É muito importante ressaltar que quando falamos sobre o foco nos usos reais e cotidianos da língua, não queremos dizer, com isso, que o sistema como um todo deve ser ignorado. Partindo deste viés, Antunes (2003) nos traz à memória muito sutilmente a forma como o sistema gramatical influencia nos nossos discursos. Nesse sentido, para a autora,

As pessoas, quando falam, não têm liberdade total de inventar, cada uma a seu modo, as palavras que dizem, nem têm a liberdade irrestrita de colocá-las de qualquer lugar nem de compor, de qualquer jeito, seus enunciados. Falam, isso, sim, todas elas, conforme as regras particulares da gramática de sua própria língua. Isso porque toda língua tem sua gramática, tem seu conjunto de regras, independentemente do prestígio social ou do nível de desenvolvimento econômico e cultural da comunidade em que é falada. Quer dizer, não existe língua sem gramática (Antunes, 2003, p.85).

É muito comum ouvirmos de falantes natos de determinada língua, normalmente pertencentes às comunidades menos abastadas, desprivilegiadas, que não sabem falar e/ou que não sabem nada de gramática. Essa crença limitadora é refutada quando Chomsky (1997) traz a ideia de que a capacidade para produzir e estruturar frases é inata ao ser humano. Conforme o cientista, essas habilidades fazem parte dos sistemas individuais da gramática internalizada, presentes em todos os falantes de uma determinada língua. Ou seja, em concordância com Marcuschi (2008), se o indivíduo é falante de determinada língua, ele domina as regras dessa língua. A língua, porém, embora tenha diversas regras, essas regras não são tão rígidas, o que torna possível a ocorrência de variações.

## 2.2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Nos termos de Bagno (2015, p.27), “não existe nenhuma língua no mundo que seja ‘una’, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção”. Essa discussão é importante no sentido de se entender e compreender o teor múltiplo da língua, as suas interfaces e as suas formas.

A língua como atividade social, para Castilho (2000), corresponde a um conjunto de usos concretos, situados historicamente e que, via de regra, envolve um locutor e um interlocutor. O autor acrescenta ainda que a língua é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representado por regras que variam de acordo com as motivações dos participantes do processo comunicacional. A partir disso, podemos ratificar e destacar o fato de a língua ser historicamente situada e heterogênea, o que quer dizer que a língua sofre interferências no tempo e no espaço.

Considerando as diversas formas como as línguas variam, a sociolinguística agrupa essas variações em três grupos específicos: variação regional ou geográfica, variação social e variação estilística. Abaixo abordaremos com mais detalhes cada um desses tipos de variação.

### 2.2.1 A VARIAÇÃO GEOGRÁFICA

A variação geográfica, também chamada de variação regional ou diatópica<sup>18</sup>, tem relação com as diferenças linguísticas observáveis em falantes que habitam locais diferentes. Tomando como exemplo a língua portuguesa, é possível observar severas diferenças entre o português falado no continente europeu se comparado com o português falado em países do continente africano, asiático e nas regiões do Brasil.

As diferenças linguísticas oriundas do fator geográfico podem ser percebidas nos mais diversos níveis linguísticos. Em concordância com Görski e Coelho (2019), existem inúmeras diferenciações entre o PE e o PB e, no campo da fonética, podemos destacar duas, entre várias outras, que chamam a atenção: a palatização do /t/ e do /d/ antes de /i/ tônico e átono e a semivocalização do /l/ em finais de sílabas e de palavras. É perceptível que em Portugal se preserva a não palatização do /t/ e do /d/, como ocorre em [t]ipo e [d]icionário e a velarização do /l/ final, como ocorre em arsena[l] e pa[l]mito. No Brasil, percebemos que, na grande maioria

---

<sup>18</sup> Diatópico é uma palavra de origem grega. É a junção das palavras DIA (através de) mais TOPOS (lugar), ou seja, através do lugar.

das regiões<sup>19</sup>, temos a ocorrência da palatização do /t/ e do /d/, como ocorre em [tʃ]ipo e em [dʒ]icionário, e com semivocalização do /l/, como ocorre em arsenal[w] e pa[w]mito.

Para além das diferenciações no campo fonético/fonológico, ainda segundo Görski e Coelho (2019), podemos observar também diferenças bastante marcantes quando consideramos os campos da morfologia e da sintaxe no português falado no Brasil e no Português de Portugal, conforme veremos a seguir<sup>20</sup>:

- a) Português de Portugal: (i) presença de construções aspectuais do tipo “eu estava a brincar”, que implica na ausência da forma nominal do gerúndio; (ii) presença frequente de pronomes clíticos como ocorre em “eu vi-o ontem (referência a uma terceira pessoa)”; (iii) predominância do uso da ênclise como acontece em “Diga-me algo”; (iv) uso do verbo haver no sentido de existir, como em “há fogo naquela casa”.
- b) Português do Brasil: (i) presença de construções aspectuais do tipo “eu estava brincando”, ou seja, afeição à forma nominal do gerúndio; (ii) predominância de pronome tônico no lugar do clítico, como em “eu vi ele ontem” (referência a uma terceira pessoa); (iii) predominância do uso da próclise, como ocorre em “me diga algo”; (iv) uso do verbo ter em vez de haver para indicar existência de algo, como acontece em “tem fogo naquela casa”.

No campo lexical, essas diferenças são ainda mais fortes e isso se torna explícito quando percebemos que existem inúmeros itens lexicais que se diferenciam entre as comunidades de falantes. No PB, por exemplo, podemos notar que muitas palavras tiveram influências africanas (Bonvini, 2014; Pessoa de Castro, 1983) e tupi (Barcelar & Gois, 1997; Cunha, 1998) e que têm outras correspondências em outras localidades. Vale ressaltar que essa diferenciação lexical pode acontecer dentro de um mesmo país, quiçá dentro uma mesma região, é o que ocorre para caracterizar aipim, macaxeira e mandioca, que correspondem ao mesmo alimento dentro do Brasil. Outro exemplo é biscoito e bolacha, que variam por vezes dentro de uma mesma cidade.

### 2.2.2 A VARIAÇÃO SOCIAL

---

<sup>19</sup> Embora no Brasil o /d/ e o /t/ seja largamente palatizados, existem severas exceções quando consideramos principalmente as regiões do Nordeste, que apresenta forte ocorrência de não palatização desses fonemas.

<sup>20</sup> Dados extraídos de Görski e Coelho (2009, p. 76).

A variação social, que também é conhecida como variação diastrática, está atrelada às condições socioeconômicas e culturais da comunidade de falantes. Nesse sentido, para fins de especificação, conforme Görski e Coelho (2019), entram nesse panorama, classe social, sexo, idade, grau de escolaridade, profissão, entre outras características. Para exemplificar esse fenômeno, podemos utilizar o fenômeno da síncope da pós-tônica - muito corriqueiro entre as classes menos abastadas economicamente e menos escolarizadas - como acontece em ABÓBRA, onde podemos notar o apagamento da vogal pós-tônica -o- de ABÓBORA e mudança na estrutura silábica da palavra. Outro exemplo é a vocalização do -lh- > -i- como em mulher/muié; é interessante que ainda é possível identificar a variante “mulé” presente em diversos grupos sociais. Outro fenômeno muito comum é o rotacismo, em que podemos notar a substituição do -l- pelo -r- diante de encontros consonantais, como ocorre em blusa ~brusa, planta ~pranta. É possível verificar, também, a assimilação do -nd- > -n- como em cantando ~cantano.

A variação social se torna bastante explícita também quando analisamos as concordâncias verbal e nominal, que apresentam bastantes variações quando estamos diante de seres sociais menos escolarizados, tendo maior incidência entre pessoas com a idade mais avançada, porém presente em todas as gerações. Vejamos exemplos: *os meninos saíram cedo/ os menino saiu cedo; as meninas cantam/ as menina canta; as crianças comem/ as criança come*. É interessante notar uma semelhança nos exemplos dados: as marcações de plural aparecem apenas no primeiro item, o que atende à regra de que, havendo dois determinantes flexionáveis no sintagma nominal, é suficiente marcar o plural apenas no primeiro item. Não encontramos construções do tipo: *o meninos saiu cedo/ a meninas canta\**.

Para além dessas questões, pode-se notar que existem características específicas para as idades, por exemplo, claramente, os jovens têm escolhas lexicais muito específicas, com uso de gírias, apelidos.

Um fato importante e estarrecedor é que as variações linguísticas são comumente portas para o preconceito linguístico. Pessoas que se consideram superiores, cultas, tendem a julgar e a discriminar as pessoas que eles consideram inferiores e incultas. Mal sabem eles que

Já se provou e comprovou que (i) não existe ninguém que faça todas as concordâncias previstas pela TGP [Tradição Gramatical Prescritiva], nem mesmo em textos escritos altamente monitorados, (ii) há mais regras de concordância do que as previstas pela TGP e (iii) as regras de concordância previstas pela TGP dependem dos usos dos escritores consagrados e, mesmo assim, só dos usos que os filólogos consideram “exemplares”. (Bagno, 2011 p. 994)

### 2.2.3 A VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Também conhecida como variação contextual ou de registro, a variação estilística se dá nos mais diversos episódios comunicacionais por quais passamos no nosso dia a dia. Basicamente, se refere ao ato de utilizarmos uma linguagem mais cuidada, mais regulada em contextos socioculturais que exigem um maior grau de formalidade; em episódios familiares, situações informais e espontâneas, utilizamos uma linguagem coloquial, que é o registro informal.

Görski e Coelho (2019) sugerem que a variação estilística é regulada pelos domínios em que se dão as práticas sociais, sejam eles escola, igreja, lar, trabalho, clube, shopping, entre outros; pelos papéis sociais envolvidos, que envolve as relações de poder entre pai e filho, professor e estudante, patrão e empregado; pelo tópico em questão, se se fala de igreja, de futebol, de filme.

É interessante notar que o grau de formalidade tende a variar diante de cada situação explicitada acima, por exemplo, numa relação professor x estudante, normalmente percebemos uma linguagem mais monitorada e cuidada por parte do docente e uma linguagem mais espontânea e menos formal por parte do estudante. Diante dos tópicos, o grau de formalidade variará muito baseado no nível de seriedade de cada tópico, por exemplo, um diálogo sobre igreja tende a ser mais formal que um diálogo sobre futebol, que assume um gênero mais livre e espontâneo.

Dado o exposto, diante de diversos tipos de variação, pode-se perceber que a língua é viva e se adapta às necessidades comunicacionais dos seus falantes, ou seja, diante da necessidade, a língua muda, de alguma forma, para atender ao interlocutor e ao contexto da situação.

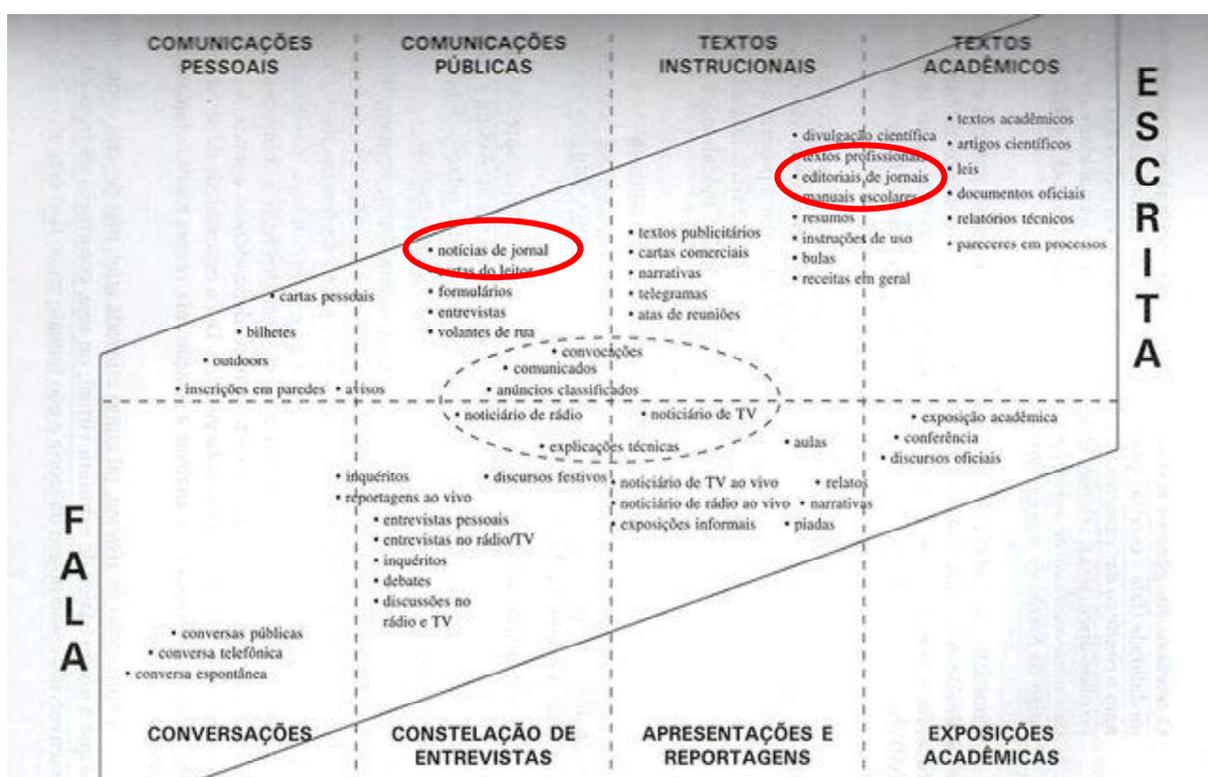
### 2.3. GÊNEROS TEXTUAIS E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA

Os gêneros textuais são, comumente, raízes de fortes discussões quando vinculados ao processo de ensino e aprendizagem e isso ocorre em razão da sua complexidade. Para Oliveira (2010), face à complexidade em torno do termo gênero textual, prevê-se que ele não é nem um tipo de texto, nem um tipo de situação, mas, antes, ele constitui-se numa relação equilibrada e

funcional entre o texto e o contexto. A autora destaca ainda o seu caráter multidimensional, incluindo, dentro do gênero, o texto, o social e o político e que devem ser analisados a partir dos aspectos formal, processual, retórico e temático. Nos termos da autora, um gênero é, em suma, um modo próprio de dizer que revela quem fala e de que lugar fala.

Mascuschi (2010) estabelece um continuum fala x escrita, que confronta a relação entre os gêneros textuais, os contextos situacionais que integram esses gêneros, além da sua relação com a fala e/ou escrita, conforme tabela abaixo:

Tabela 2: Continuum fala X escrita



Marcuschi (2010, p.41): – as marcações em vermelho são nossas.<sup>21</sup>

No cenário pedagógico, os gêneros textuais têm gerado muitas inseguranças nos docentes em razão do seu pouco esclarecimento conceitual, ou seja, é muito comum haver confusão entre gênero textual e tipo de texto por parte dos docentes, embora se firmem no discurso de que o ensino é sobre gêneros textuais.

<sup>21</sup> As marcações em vermelho fazem referência ao corpus desse trabalho, que foi composto por editoriais e notícias de jornais.

Concernente ao processo didático dessa temática, também não há consenso. Há quem defenda que o objetivo não é fazer dos gêneros textuais objetos de ensino, mas ensinar por meio deles, utilizar os gêneros como possíveis pontes para o processo de ensino e aprendizagem. Outros estudiosos da área defendem o ensino dos gêneros textuais e outros criticam veementemente o formato prescritivo de ensino, aquele ensino engessado, que vê os gêneros textuais como uma coisa “una”, uniforme e que não varia.

Nos termos de Oliveira (2010), referente à relação entre gênero textual e escrita, podem haver diversas abordagens de ensino voltadas para diferentes funções: quando a escrita é voltada para a assimilação, é feita uma abordagem funcional e comportamental; quando o objetivo da escrita é autoexpressão e construções de significado, a abordagem é cognitiva; a abordagem de práticas socioculturais se relaciona com escrita para afirmação; quando o intuito da escrita é o acesso aos discursos de poder, é utilizada a abordagem de gêneros; e a abordagem crítica, que se relaciona com a escrita para mudança social.

Ainda em concordância com a autora, no contexto escolar, pensar sobre questões dos gêneros textuais, exige a compreensão do que vem a ser “gênero” e acerca dos fenômenos a eles ligados. É importante ressaltar que diferentes concepções de gêneros e letramentos impactam em diferentes práticas pedagógicas. Conforme citado anteriormente, o letramento cultural objetiva que o aluno domine as mais diversas quantidades de gêneros, a fim de que ele circule por diversas esferas da sociedade; por outro lado, no letramento crítico, o objetivo maior é que o estudante se aproprie dos poucos gêneros que são essenciais a sua formação e práticas comunicacionais.

Para Bakhtin, os gêneros do discurso performam como formas-padrão de um enunciado. Para o pesquisador, nós falamos, pensamos e nos comunicamos exclusivamente a partir dos gêneros do discurso e o fazemos inconscientemente, considerando que temos um extenso repertório discursivo e não nos damos conta disso. Bakhtin (1992) afirma que esses incontáveis gêneros nos são dados tal qual nos é dada a língua materna, que dominamos livremente.

Bakhtin (1992) defende que novos gêneros vão surgindo conforme as atividades humanas vão se modificando, logo, esse teor infundável dos gêneros discursivos levou o autor a dividir o tema em duas classificações: gêneros primários e gêneros secundários.

Os gêneros primários (ou livres) referem-se a episódios comunicativos espontâneos, não programados, orgânicos e informais, que surgem aleatoriamente numa comunicação. Exemplos

de gêneros primários são diálogos cotidianos, carta, bilhete. Os gêneros secundários (ou estandarizados), por outro lado, caracterizam situações mais complexas, mais formais, são situações de comunicação normalmente mediadas pela escrita, como por exemplo palestras, teatro, teses, entre outros. É importante frisar que ambos tipos se apoiam nas fontes, que são os enunciados verbais. O que fez Bakhtin realizar essa divisão foi exclusivamente o nível de complexidade de cada grupo. Nesse sentido, é possível perceber que os gêneros do discurso são gêneros apoiados nos enunciados verbais, mas que se relacionam com a escrita na medida em que se tornam complexos, ou seja, o que caracteriza um gênero do discurso é a enunciação verbal, mas, diante de uma maior complexidade, esse enunciado verbal pode se apoiar na escrita.

Sobre a importância dos gêneros do discurso, Bakhtin afirma que

Se os gêneros do discurso não existissem e se nós não tivéssemos o seu domínio e se fosse preciso criá-los pela primeira vez em cada processo da fala, se nos fosse preciso construir cada um de nossos enunciados, a troca verbal seria quase impossível. (Bakhtin, 1992, p. 302)

Conforme Brandão (2004), na medida em que um indivíduo fala, escreve, ouve ou lê um texto, ele tem a capacidade de ver o texto como um “todo acabado” e isso só é possível devido ao conhecimento prévio que o indivíduo tem acerca dos gêneros. Baseado nesse conhecimento prévio e global de como acontecem as interações, que os falantes, por vezes, acabam explicitando verbalmente nos seus discursos qual é o gênero discursivo em questão. São exemplos desses episódios de verbalização do gênero do discurso produzido ou ao que se refere:

- no **telefonema** de ontem
- na **palestra** de hoje
- a **entrevista** de fulano
- a **piada** do dia
- a **reportagem** de ontem
- o **noticiário** dessa noite.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Brandão (2004).

Nos exemplos acima, pode-se notar que todas as palavras marcadas em negrito são exemplos de gêneros discursivos que são comumente explicitados na prática verbal dos próprios produtores desses gêneros.

Para além disso, existem diversas marcas linguísticas que já são estereotipadas e marcadas para os seus gêneros em questão. Essas marcas acabam indicando claramente a que gênero o falante está se referindo, mesmo que o nome do gênero não seja explicitado. São exemplos dessas marcas linguísticas:

- E com vocês... (abertura de uma peça teatral)
- Luz, câmera, ação! (gravação de alguma atuação)
- Era uma vez... (abertura de uma narrativa ficcional)
- Alô, com quem falo? (ligação telefônica).

## 2.4 ORALIDADE E ESCRITA COMO PRÁTICAS SOCIAIS

Marcuschi (2008) entende a língua como um sistema de práticas cognitivas abertas, flexíveis, criativas e indeterminadas quanto à informação e estrutura. O autor acrescenta que a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa.

“Ler e escrever são atividades inter-relacionadas. Assim escrevemos para alguém ler e lemos para compreender os sentidos do texto que alguém escreveu” (Vieira; Faraco, 2019, p. 08). Em concordância com os autores, o teor social da oralidade e da escrita pode ser percebido a partir do momento em que socializamos por meio dos atos de leitura e de escrita, uma vez que esses atos criam pontes entre indivíduos.

Quando falamos em oralidade e escrita, ler e escrever, existe uma forte tendência de correlacionar essa temática com discussões concernentes à gramática. Nos termos de Marcuschi (2008), a ênfase que é dada à gramática pode ser minorada na medida em que olhamos a língua a partir de uma perspectiva mais funcional e sociointerativa. O autor traz uma relação de características funcionais da língua, conforme segue abaixo:<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Marcuschi (2008, p. 65).

- a. A língua se manifesta plenamente no seu funcionamento na vida diária, seja em textos triviais do cotidiano ou prestigiosos e canônicos que persistem na tradição cultural;
- b. O uso da língua se dá em eventos discursivos situados sociocognitivamente e não em unidades isoladas;
- c. A língua, enquanto sistema formal, acha-se impregnada pelo discurso;
- d. Muitos fenômenos relevantes e sistemáticos no funcionamento da língua são propriedades do discurso e não podem ser descritos e explicados com base apenas no sistema formal da língua;
- e. Entre os fenômenos relevantes comandados pelo funcionamento da língua estão as relações interfrásticas que não se esgotam nem se esclarecem no âmbito da frase; por exemplo: as sequências conectivas, as sequências anafóricas, as elipses, as repetições, o uso dos artigos etc.
- f. As sequências de enunciados num texto não são aleatórias, mas regidas por determinados princípios de textualização locais ou globais;
- g. Um texto não se esclarece em seu pleno funcionamento apenas no âmbito da língua, mas exige aspectos sociais e cognitivos.

A partir dos dados supracitados e ainda em concordância com Marcuschi (2008), pode-se confirmar o caráter social e interativo da língua. A língua é viva, múltipla, promove interação entre os seus falantes e atende às suas necessidades comunicacionais.

Na concepção de Marcuschi (2010, p.15),

Hoje, é impossível investigar a oralidade e letramento sem uma referência direta ao papel dessas duas práticas na civilização contemporânea. De igual modo, já não se podem observar satisfatoriamente as semelhanças e diferenças entre fala e escrita (o contraponto formal das duas práticas acima nomeadas) sem considerar a distribuição de seus usos na vida cotidiana. Assim, fica difícil, se não impossível, o tratamento das relações entre estas últimas, centrando-se exclusivamente no código. Mais do que uma simples mudança de perspectiva, isto representa a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto, agora vistos como um conjunto de práticas sociais (Marcuschi, 2010, p.15).

A partir disso, o autor explicita a indissociabilidade entre oralidade, letramento e práticas sociais. Há uma forte tendência em entender apenas a oralidade como um item de socialização, talvez em razão da oralidade ser um dos maiores e mais antigos meios de socialização. Acerca disso, Marcuschi (2010) afirma que, embora a escrita tenha sido criada pelo homem tardiamente quando comparada com a oralidade, a escrita permeia, hoje, em quase todas as práticas sociais dos povos aos quais faz parte.

Diante de um questionamento sobre a relação entre escrita e prática social, pode haver dúvidas e até mesmo faltar palavras para descrever. Isso acontece pelo fato de escrita e prática social estarem extremamente ligadas e inseridas uma na outra. Luiz Antônio Marcuschi diz que a escrita é utilizada em momentos e contextos sociais muito básicos da vida cotidiana e, em paralelo, se correlaciona também com a oralidade. São exemplos desses contextos:

- O trabalho
- A escola
- O dia a dia
- A família
- A vida burocrática
- A atividade intelectual
- [As redes sociais]

A presença da escrita e da oralidade em nossas vivências são várias e, em cada contexto, se manifesta de uma forma particular. No trabalho, socializamos ao desejar um “bom dia”, ao redigir um e-mail, ao protocolar um documento. Na escola, há socialização ao realizar a apresentação de um seminário, que normalmente é precedido de um texto escrito. No dia a dia, são as listas de compra, as *to do lists*. Nas redes sociais, socializamos a partir dos *stories*, das publicações. Enfim, a oralidade e a escrita são práticas inerentemente sociais e se materializam organicamente no nosso cotidiano.

## 2.5. NORMA E VARIAÇÃO NO CONTEXTO ANGOLANO

A variação linguística é característica de ambientes plurais e diversos, onde as comunidades linguísticas são diversas e os contextos de uso das línguas são múltiplos. Em Angola essa realidade não é diferente. Para Zau,

O Português falado actualmente em Angola é uma variante que expressa a angolanidade, uma característica enriquecida pelo perfume das línguas africanas que lhe conferem uma sonoridade melódica, contendo, desde já, traços próprios proporcionadores de existência autónoma (Zau, 2011, p. 64).

Para Bagno (2007), a variação é, basicamente, cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa. A partir dessa simples definição, torna-se claro o teor variável de todas as línguas, pois, para se constatar uma variação linguística, basta que duas pessoas expressem o mesmo conteúdo de formas diferentes.

Conforme apontado anteriormente, a variação é algo inerente à língua e a língua pode variar nos seus níveis fonéticos, morfológicos e lexicais. A seguir, veremos como essas variações se comportam dentro do português falado em Angola:

### 2.5.1. Variação ao nível fonético

Nesse nível, a variação é percebida a partir do modo de falar de cada comunidade linguística, apresentando maior variação de região para região. Essas mudanças linguísticas podem ser justificadas, principalmente, pelas influências que as línguas nacionais exercem sobre a língua portuguesa. Sabemos que as línguas nacionais são amplamente disseminadas em Angola. Para fins de percepção de influência, abaixo segue tabela com o panorama linguístico de Angola.

Tabela 3: Panorama linguístico de Angola

LÍNGUA	PERCENTUAL DE FALANTES
UMBUNDO	22%
KIKONGO	8%
KIMBUNDU	7%
COKWE	6%
NHANEKA	3%
NGANGELA	3%
FIOTE	2%
KWANHAMA	2%
MUHUMBI	2%

LUVALE	1%
--------	----

Dados do Instituto de Estatísticas de Angola (INE, 2014).

Com base na tabela acima, muito embora a língua portuguesa atue como língua oficial e, também, como a língua mais falada em Angola, ela não fica isenta das interferências oriundas da proximidade geográfica com as línguas nacionais. Ou seja, o falante de português que vive na província do Bengo, onde o kimbundu é bastante disseminado, vai falar diferente do falante de português que vive em Malanje, onde o cokwe é mais popularizado. Observemos, abaixo, exemplos de variações fonéticas no PA<sup>24</sup>:

- o Ocorrência de substituição do fonema /r/ por /l/ e vice-versa, o que foi motivado em razão da ausência do /r/ no sistema fonológico do Kimbundu:

1 – Substituição da vibrante [r] pela lateral alveolar [l]: **Aloz** [v. 'loʃ] em vez de **Arroz**; **Celeveja** [sirli 'vɛʒɐ] em vez de **Cerveja**.

2 – Substituição da alveolar [l] pela vibrante [r]: **Arguma** [ar'gumɐ] em vez de **Alguma**; **Argarismo** [argɐ 'rizmu] em vez de **Algarismo**.

3- Pré-nasalização em posição inicial da palavra por via de inserção de Consoante nasal [n] antes da oclusiva dental vozeada [d], como podemos verificar nos casos que seguem abaixo:

**Ndobrar** [n'dobrar] – **Dobrar**;

**Ndois** [n'dɔʃ]- **Dois**

A partir disso, percebe-se que é possível diferenciar os falantes das diferentes regiões do país em razão dos seus falares. Segundo Bernardo, na região Sul, é possível verificar alterações na pronúncia porque percebe-se uma supressão da oclusiva bilabial não vozeada [p] em detrimento da oclusiva bilabial vozeada [b], isto é, no lugar de “compra”, os falantes da região Sul de Angola acabam falando “combra”. Ainda segundo o autor, na região Norte, é observável a realização do tepe no lugar de um R-forte, ou seja, os angolanos da região Norte

<sup>24</sup> Exemplos de Bernardo (2017, p.45-46)

falam “caro” em vez de falarem “carro”. Essas marcas linguísticas compõem as identidades linguísticas do povo angolano.

### **2.5.2. Variação ao nível morfossintático**

Ao nível morfossintático também é possível identificar algumas variações bem interessantes. Bernardo (2017) traz uma discussão que o kimbundu é uma língua prefixal, sendo que a marcação de número (singular/plural) acontece no início da palavra, o que, segundo ele, não se percebe na língua portuguesa. O autor apresenta os seguintes exemplos:

- Usual no PE:
  - a) Doem-me os pés.
  - b) Vigia as crianças.
  
- Usual em uma variedade de PA:
  - a) Os pé me dói.
  - b) Vigia as criança.

Para o autor, essa diferenciação entre o usual no PE e o que é utilizado no PA é justificado pelo fato de o kimbundu ser uma língua prefixal, que tem o seu plural ou singular marcados nesse prefixo, ou seja, o autor depreende que os falantes do PA partem desta mesma lógica de raciocínio para marcação de número no PA. Este é um fato curioso, porque esta variação ocorre também no português brasileiro, em que o kimbundu, diretamente, não exerce fortes influências, mas essa pode ser uma interessante evidência da interferência/influência das línguas africanas no português do Brasil.

### **2.5.3. Variação ao nível semântico**

A variação ao nível semântico tem relação com a significação dos vocábulos. Essa variação diz respeito aos diversos significados que podem ser atribuídos a um mesmo substantivo. No cenário angolano, esse tipo de variação se manifesta por meio da associação de

um novo sentido para além do sentido próprio que determinada palavra já possuía no PE. Abaixo podemos notar alguns exemplos<sup>25</sup>:

- A luz **dormiu** acesa.
- Ele **comeu** o dinheiro dela.
- A noite estava a **cair**.

Nos exemplos acima, é possível identificar algumas variações nos significados dos itens destacados em negrito. Por exemplo, verbo “dormir” exige um argumento externo para apontar quem dorme, o que corresponderia ao sujeito verbal e esse sujeito, via de regra, são seres animados, que não é o caso da luz.

#### 2.5.4. Variação ao nível lexical

A variação lexical, ao contrário da variação semântica, diz respeito às diferentes palavras que possuem o mesmo valor semântico. Esse tipo de variação também é bastante presente no meio angolano. Conforme Bernardo (2017), o kimbundu é tido como uma das principais línguas que mais cederam empréstimos ao português de Angola a partir de verbos e de substantivos, o que, por exemplo, ocasiona muita proximidade lexical entre o kimbundu e o PA e alguns distanciamentos lexicais entre o PA e o PE. Para fins de exemplificação, Bernardo reuniu alguns dados descritos por Mingas (2007) e Zau (2011), que mostram, de fato, as proximidades lexicais que existem entre o PA e o kimbundu, conforme segue abaixo:

Quadro 1: Kimbundu x PA x PE

<b>Kimbundo</b>	<b>PA</b>	<b>PE</b>
<b>Kubanza</b>	Banzar	Reflectir, pensar
<b>Kukixila</b>	Cochilar	Dormitar
<b>Kasula</b>	Caçula	Filho/a, irmã/o, mais novo/a
<b>Kambuta</b>	Cambuta	Anão, de pequeno porte
Ndenge	Ndengue	Indivíduo de idade inferior, criança

Bernardo (2017, p. 48).

<sup>25</sup> Bernardo (2017, p. 47) modificado.

Para além desses itens lexicais que têm fortes relações e influências com o kimbundu, Angola dispõe de outros inúmeros itens lexicais diferenciados que possuem o mesmo teor semântico do português de Portugal, a saber: *mata-bicho*, que faz referência ao café da manhã; *zongolar*, que significa espiar, bisbilhotar; entre outros.

É importante ratificar que as variedades linguísticas, infelizmente, são costumeiros gatilhos para os eventos de preconceito linguístico. Quando a educação é afeita à normatividade, há a tendência de querer ensinar o PE, pois este é o considerado padrão, o ideal, o que subverte a fuga do padrão por parte do português de Angola e a sua consequente e descabida associação ao erro.

Dado o exposto, a abordagem das temáticas atreladas às variações linguísticas, às questões de gêneros textuais, se justifica pela necessidade da compreensão das noções de formalidade relacionadas ao corpus deste trabalho. Para além disso, quando apontamos as seleções das preposições que introduzem verbos direcionais, é importante uma análise prévia concernente às variações linguísticas, pois cada contexto social pode implicar uma seleção específica de preposição.

## CAPÍTULO 3

### OS VERBOS DE MOVIMENTOS E AS PREPOSIÇÕES

Neste capítulo, traremos definições acerca dos itens linguísticos em questão: preposições e verbos. Abordaremos algumas conceituações e refletiremos sobre a relação entre elas. Em suma, após essa parte inicial de conceituação, analisaremos as realizações das preposições diante de verbos de movimentos.

#### 3.1 AS PREPOSIÇÕES

Conforme mencionamos na “Introdução”, as preposições são classificadas como elementos gramaticais de classes fechadas, ou seja, uma classe em que temos baixa possibilidade de criação de novos itens, o que traz um caráter de estabilidade para esta classe de palavras.

Nos termos de Cunha e Cintra (1984)<sup>26</sup>, as preposições são palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de modo tal que o sentido do primeiro, ao qual o autor denomina antecedente, é completado ou explicado pelo segundo, ao qual ele se refere como consequente.

Vejamos:<sup>27</sup>

Quadro 2: Preposições: antecedente vs. Consequente

ANTECEDENTE	PREPOSIÇÃO	CONSEQUENTE
Vou	A	Roma.
Chegaram	A	tempo.
Todos saíram	De	casa.

---

<sup>26</sup> Trazemos algumas definições da gramática normativa exclusivamente pelo fato desta pesquisa abordar a língua escrita.

<sup>27</sup> Cunha e Cintra (1984, p. 569).



excelência, é o responsável por estabelecer essa relação entre os “lugares abertos”, ou argumentos:

(1) João alimentou o peixe ontem à noite, sozinho, depois de chegar da faculdade, com a ração do potinho amarelo<sup>29</sup>.

(1') \*[João] alimentou [o peixe] (ontem à noite), (sozinho), (depois de chegar da faculdade), (com a ração do potinho amarelo).

Em (1), o verbo “alimentar” funciona como o predicador e exige dois argumentos, representados pelos sintagmas nominais “João” e “peixe”, argumentos externo e interno, respectivamente. Assim, o verbo “alimentar” estabelece uma relação entre os itens que indicam “quem alimenta” e “o que é alimentado”. Os demais itens presentes na sentença, entre parênteses em (1'), são classificados como adjuntos, isto é, “termos circunstanciais ou acessórios e, portanto, irrelevantes para completar o sentido do verbo” (ILARI *et al.*, 2015, p.173). Se considerarmos excluir os itens entre colchetes em (1'), teremos uma sentença agramatical justamente por violar a grade argumental do verbo “alimentar” e a relação por ele estabelecida entre os argumentos.

Tomando o verbo como o responsável pela seleção de seus argumentos, as preposições, a depender da natureza desse verbo, podem fazer parte da complementação verbal, como notamos nos verbos designados como de movimento.

### 3.1.1. Valores das preposições

No que tange aos valores semânticos das preposições, alguns autores emitem opiniões diversas acerca deste tópico e asseveram que as preposições podem encerrar diferentes valores na língua portuguesa.

#### PREPOSIÇÃO “A”

Para Raposo e Xavier (2013), na medida em que a preposição “a” é regida pelos verbos dar, entregar, explicar, oferecer, passar, transmitir e vender, ela introduz um constituinte cuja função sintática é a de complemento indireto e com carga semântica de origem ou fonte de

---

<sup>29</sup> Ilari et al (2015, p.173), dados (15) e (15') e renumerados.

transferência de uma entidade a partir de um indivíduo, que também será a origem ou a fonte da transferência. Vale ressaltar que, para os autores, essa transferência, muitas vezes, acontece de forma metafórica.

Exemplos:

- a. A professora entregou o lápis ao Marcos.
- b. A mãe deu o presente a filha.

Por outro lado, Cunha e Cintra (2017), a partir da nova gramática do português contemporâneo, afirmam que a preposição “a” pode encerrar outros sentidos, conforme abaixo<sup>30</sup>:

1. Movimento: direção a um limite.

a. no espaço:

Do Leme ao Posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores de que disponho.

(C. Drummond de Andrade, CB, 40.)

b. no tempo:

Lá de ano a ano é que vinha procurá-la.

(M. Torga, B, 30.)

c. na noção:

A sua vida com o marido vai de mal a pior.

(J. Paço d’Arcos, CVL, 937.)

2. Situação: coincidência, concomitância:

a. no espaço:

A mulher adormeceu ao seu lado.

(N. Pinon, SA, 146.)

b. no tempo:

Ao entardecer, avistei uma povoação...

---

<sup>30</sup> Cunha e Cinto (2017, p. 576-590), renumerados.

(C. Castelo Branco, OS, 1,164.)

c. na noção:

— Não podemos gastar dinheiro à toa.

(O. Lins, FP, 157.)

## PREPOSIÇÃO “EM”

Conforme Raposo e Xavier (2013), existe uma discussão em torno do valor semântico da preposição “em”. Discussões apontam que, para além da ideia de localização espacial estática promovida por essa preposição, ela pode também ter um valor temporal, que serve para localizar alguma situação no tempo e no espaço, conforme abaixo<sup>31</sup>:

a. Vou ao cinema na segunda-feira.

b. Li esse livro em agosto.

Para Cunha e Cintra (2017), essa preposição pode encerrar significações diversas, quando analisados os seus sentidos de movimentação e situacionais. Vejamos:

1. Movimento: interioridade; dentro de.

a. no espaço:

Os Garcias entraram em casa calados.

(V. Nemésio, MFC, 194.)

b. no tempo:

Nazário visitava-as de quando em quando.

(Coelho Netto, OS, 1,81.)

c. na noção:

E a lagoa entrou em festa.

(A. M. Machado, JT, 21.)

2. Situação: no interior de, dentro dos limites de, em cima de, em contato com:

a. no espaço:

---

<sup>31</sup> Raposo & Xavier (2013, p. 1548).

Um gato vive um pouco nas poltronas, no cimento ao sol, no telhado sob a lua.  
(B. Drummond de Andrade, CB, 43.)

b. no tempo:

Tudo aconteceu em 24 horas.  
(C. Drummond de Andrade, CB, 125.)

c. na noção:

Pareceu-lhe que toda a povoação estava em chamas.  
(Castro Soromenho, TM, 255.)

### PREPOSIÇÃO “PARA”

De igual modo, a preposição “para”, conforme Raposo e Xavier (2013), tem uma carga semântica de direção e introduz um sintagma preposicional cujo sentido traz a ideia de benefício.

Exemplo: Ele trouxe um presente para ela.

Para Cunha e Cintra (2017), essa preposição carrega a carga semântica de movimento em diversos aspectos, a saber: limite, finalidade, direção, perspectiva. Conforme os autores, “para” distingue-se de “a” por ter um traço semântico que implica maior destaque da relação entre ponto de partida e ponto de chegada.

a. no espaço:

Eu ia arrastado não sabia para onde, ele ia levado para onde o chamava a obsessão.  
(Branquinho da Fonseca, B, 65.)

b. no tempo:

Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte.  
(Machado de Assis, OC, II, 538.)

c. na noção:

Cala-se para não mentir.  
(A. Abelaira, BI, 95.)

## PREPOSIÇÃO “DE”

Conforme Cunha e Cintra (2017), a preposição de também pode indicar movimento, encerrando as significações de origem, ponto de partida, procedência. Vale ressaltar que, conforme apontam os autores, as noções de causa e posse podem prevalecer em razão do contexto.

a. no espaço:

Vinha de longe o mar...

Vinha de longe, dos confins do medo...

(M. Torga, AP/, 65.)

b. no tempo:

Roma fala do passado ao presente.

(A. A. de Melo Franco, AR, 27.)

c. na noção:

Mais do que a sombra do teu vulto, vi o claro outrora do teu riso largo...

(A. Renault, LSL,XLVI.)

## PREPOSIÇÃO “POR”

A preposição “por”, conforme os gramáticos Cunha e Cintra (2017), pode também trazer a carga semântica de movimento e de situação, conforme segue nos exemplos abaixo:

1. Movimento: pode indicar o meio, duração:

a. no espaço:

Vai-se por aí devagarinho.

(Coelho Netto, OS, 1,217.)

b. no tempo:

Devorou-o por semanas uma febre ligeira, mas impertinente.

(R. Pompeia, A, 235.)

c. na noção:

Este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa.

(Machado de Assis, OC, II, 535.)

2. Situação: indica o resultado do movimento de aproximação a um determinado ponto.

a. no espaço:

Por cima delas, lá em cima, perto da lâmpada do teto, a cara fitava-me, atenta, sorrindo satisfeita.

(L. B. Honwana, NMCT, 54.)

b. no tempo:

Era pelos anos de 1861 ou 1862.

(Machado de Assis, OC, II, 585.)

c. na noção:

— Estou preso; antes que te digam que por alguma indignidade, previno: por ter dado uma lição ao Malheiro.

(R. Pompeia, A, 146.)

Partindo, agora, de uma abordagem de cunho formalista, Perini (2006) afirma que a função básica das preposições é promover uma mudança de classe, ou seja, para o autor, as preposições funcionam como reclassificadores. Vejamos:

a. Deixei três cachorros em minha fazenda.<sup>32</sup>

Na frase acima, conforme Perini (2006), a preposição atua modificando o sintagma nominal “minha fazenda”, tornando-o um adjunto adverbial. Ou seja, para Perini (2006), a função geral de uma preposição é transformar sintagmas nominais em sintagmas adjetivais ou adverbiais.

---

<sup>32</sup> Perini (2006, p. 164).

Afonso (2020) apresenta algumas estatísticas referentes às seleções das preposições no português falado de Angola. Para tanto, o autor considera questões como faixa etária e escolaridade. Vejamos os dados encontrados:

Tabela 4: Regência dos VMs por falantes da 6ª classe com idades entre 11 e 12 anos

Faixa etária	Escolaridade	Verbos	Preposição	Nº de ocorrências
11-12 anos	6.ª Classe	IR	em	34
			a	0
			para	0
		VIR	em	1
			a	0
		SAIR	de	1
			em	1
			Ø	2
		CHEGAR	em	2
			a	0
		ENTRAR	em	2
		VIAJAR	em	2
a	0			
<i>Total de frases</i>				<b>45</b>

Afonso (2020, p.48).

Tabela 5: Regência dos VMs por falantes licenciados com idade entre 40 e 55 anos

Faixa etária	Escolaridade	Verbos	Preposição	Nº de ocorrências
40-55 anos	Licenciados	IR	em	4
			a	8
			para	17
		VIR	em	4
			de	1
			a	1
		LEVAR	para	1
		CHEGAR	em	3
			a	2
		SAIR	de	4
<i>Total de frases</i>				<b>45</b>

Afonso (2020, p. 54)

Conforme pode-se perceber a partir dessas duas tabelas elaboradas por Afonso (2020), existe uma maior de seleção da preposição “em” entre os falantes mais jovens e menos escolarizados. Essa situação, conforme Gonçalves (2010) e Mingas (2000) pode ser explicada pela influências das línguas nativas (bantu) na língua portuguesa. Ou seja, falantes mais novos têm menos tempo de contato com a língua portuguesa, o que implica a maior possibilidade de transferência de propriedade uma língua materna para uma segunda língua.

Por outro lado, os falantes com mais idade e mais escolarizados, com licenciaturas, conforme Afonso (2020), apresentam maior afeição às preposições “a” e “para”. A partir disso, Afonso (2020) discute a forma como algumas características, sobretudo o grau de escolaridade, impactam no processo da regência verbal. Embora a pesquisa de Afonso (2020) aborde a língua oral, os dados corroboram para o objeto de estudo dessa pesquisa, principalmente pelo fato de trazer abordagens concernentes ao grau de escolaridade.

### 3.2 OS VERBOS DE MOVIMENTO

A nossa abordagem sobre os verbos de movimento levará em conta as pesquisas de Júnior (2015) acerca dos estudos de Givón (2000b), que afirma que as expressões linguísticas que trazem a ideia de movimento ocorrem em construções sintáticas que expressam diversas significações, a saber:

- i) um **objeto** ou figura que se move;
- ii) um **fundo**;
- iii) uma **trajetória**;
- iv) um **modo** e
- v) uma **causa** responsável pelo movimento.

Vejam os exemplos da proposição de Givón:

(2) Bruno desceu a ladeira correndo.

No exemplo acima, “Bruno” é a figura que se move; “ladeira” é o fundo pelo qual a figura se move; e correndo é o modo como a figura realizou a movimentação.

Um ponto importante é que, segundo Levin (1993), Levin e (1992) e Givón (2000a; 2000b) e Júnior (2015), as propriedades de modo e trajetória, que são duas propriedades semânticas que constituem os verbos de movimento, nunca são lexicalizadas pelo mesmo verbo.

Isso quer dizer que não existe a possibilidade de o verbo descer (2) encerrar as propriedades de modo e trajetória. No caso explicitado em (2), o verbo “descer” encerrou a propriedade de trajetória e movimento (para baixo); a propriedade de modo foi encerrada por um outro verbo complementar, o verbo “correr”, que demonstrou a forma como a figura realizou a movimentação.

Para Castilho (2010), conforme apontamos na introdução, a definição de verbos de movimento é a seguinte: verbos em que se depreende o deslocamento da “figura” para um “ponto de referência”. Fazem parte desse grupo os verbos: ir, vir, chegar, seguir, partir, caminhar, dirigir-se, viajar, passar, entrar, sair, mudar-se, transferir-se etc. Vejamos mais um exemplo<sup>33</sup>:

(3) Seguimos brevemente para o Guarujá, onde vamos passar uns quinze dias.

Em (3), o verbo de movimento é representado por “seguir”. A figura, ou sujeito sentencial, “nós”, se desloca para o ponto de referência “Guarujá”. A preposição usada neste caso para introduzir o sintagma preposicional foi “para”.

A complementação destes verbos de movimento tem apresentado especificidades quando se observa o uso de preposições direcionais tanto no PB como no PE:

(4) a. Fui/Cheguei/Vim no cinema. PB: ok / PE: \*

b. Fui/Cheguei/Vim ao cinema. PB: ok / PE: ok

Se o emprego das preposições direcionais no PB e no PE apresentam distinções, é interessante que nos debruçemos sobre as variedades africanas do português e possamos verificar as aproximações e/ou distanciamentos entre essas variedades.

Para Avelar (2017), o contraste no uso da preposição “em”, como apontado em (4), no PB e no PE, pode ser compreendido quando comparamos o comportamento similar do PB e o português falado na África para o uso dessa preposição. Essa comparação seria justificada, segundo Gonçalves (2010), pelo fato do português de Moçambique, objeto de análise da autora, receber a transferência de propriedades gramaticais das línguas banto, que são as línguas maternas desses falantes e aprendizes de português.

---

<sup>33</sup> Castilho (2010, p.594), dado (19b) e renumerado.

### 3.3. VERBOS DE MOVIMENTO E PREPOSIÇÕES EM OUTRAS VARIEDADES

Embora os objetivos dessa pesquisa sejam as preposições em verbos de movimentos na modalidade escrita do Português de Angola, é válido que analisemos, também, como funcionam as preposições em verbos de movimentos em outras variedades, inclusive considerar também a modalidade oral.

No texto de Calindro (2015), a proposta é analisar as sentenças ditransitivas do português brasileiro com verbos de movimento, de transferência e de criação, que se relacionam por possuírem dois argumentos internos: um objeto direto (OD) e um objeto indireto (OI). Nesse texto, a autora expõe que, diferentemente do português europeu, no português brasileiro são utilizadas as preposições ‘a’ e ‘para’ para introduzir os objetos indiretos com verbos de transferência e movimento, embora haja uma grande preferência de “para” em detrimento de “a”. Por outro lado, com os verbos de criação, os objetos indiretos são categoricamente introduzidos por “para”, tornando, assim, a presença de “a” agramatical. A autora ainda ressalta que a perda da preposição “a” como introdutora de objeto indireto ocorre concomitantemente à perda dos clíticos de terceira pessoa “lhe(s)” para substituir os objetos indiretos.

Trazendo a atenção para a variante europeia do português, que, inclusive, influenciou fortemente a variante angolana, Calindro (2015) diz que o PE introduz o argumento indireto das sentenças ditransitivas preferencialmente com a preposição “a”, sendo categoricamente substituído pelos clíticos de terceira pessoa “lhe(s)”.

Considerando, agora, o texto de Vieira (2009), a autora diz que tanto no português brasileiro, quanto no português europeu, moçambicano e angolano, há uma alternância de preposições que regem os verbos de movimento. Embora a tradição gramatical sugira a seleção de preposições direcionais para os verbos de movimento, no cotidiano, na fala coloquial, utiliza-se, também, a preposição locativa “em”, que alterna com as preposições “a” e “para”.

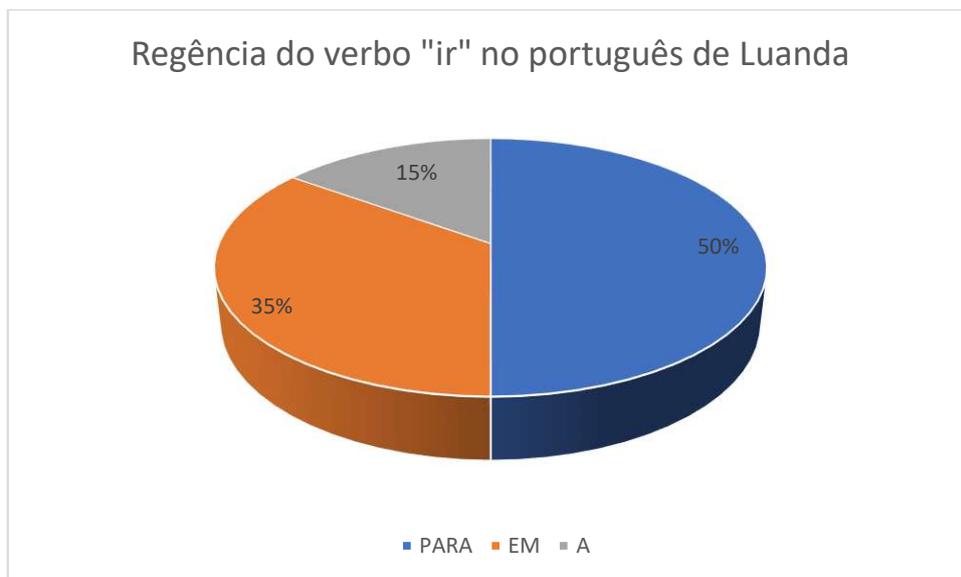
Passos dos Santos (2015), por outro lado, se dedica a fazer um estudo sobre a regência do verbo “IR” no português que é falado em Luanda. Para a autora, o uso da preposição na complementação de verbos tem se mostrado vário no português brasileiro, sendo possível fazer a regência do verbo com as preposições *a*, *para* e *em*. É nessa perspectiva de variabilidade que a autora se dedica a analisar o uso da preposição em outras línguas africanas, a fim de verificar possíveis semelhanças entre elas, considerando que as línguas africanas podem ter influenciado no processo de transição histórica do português.

Primeiramente, observam-se os complementos direcionais nas línguas do grupo Bantu. Nas línguas deste grupo, conforme a autora, o verbo vem acompanhado por um constituinte nominal de classe locativa, porque não existe nenhum elemento lexical, preposição, que faça a função de direção. Em algumas línguas, a locativização ocorre pela afixação de sufixos, prefixos ou ambos. No português de Moçambique, a principal característica sobre o comportamento de constituintes locativos e direcionais é a preposição “em”. Essa preposição, segundo a professora, rege complementos direcionais de verbos de movimento com a função de destino ou origem, que no português europeu são regidos com as preposições a/para/de.

No português de São Tomé e Príncipe, Rita Gonçalves (2010) mostrou que as preposições mais afetadas são o *a*, *de*, *em*. A autora mostra ainda que, especificamente para os verbos de movimento *ir* e *chegar*, os complementos apresentam uma variação entre a seleção de um sintagma nominal (SN ou NP, conforme o texto) ou sintagma preposicional (SP ou PP). Quando é um SP, o complemento pode ser introduzido pela preposição *a* ou *em*.

Sendo assim, a partir da análise sociolinguística sobre o uso variável da regência do verbo de movimento “ir” no português falado em Luanda, realizada por Passos dos Santos (2015), temos o seguinte: num universo de 155 falantes, 77 falantes (50%) fazem uso da preposição “para”, 54 falantes (35%) utilizam a preposição “em” e 24 falantes (15%) utilizam a preposição “a”. Em relação ao português europeu, em uma amostra de 12 informantes com baixa escolaridade, no total de 136 ocorrências com o verbo de movimento “ir”, não foi encontrada nenhuma sentença com a variante “em”, apenas construções com a variante “a” ou “para”. Vejamos, abaixo, a demonstração percentual da regência do verbo “ir” no português falado de Luanda:

Gráfico 1: Regência do verbo "ir" no português de Luanda



Passos dos Santos (2015)

Como Passos dos Santos (2015) se dedicou a analisar o uso variável da regência do verbo “ir”, foram considerados alguns fatores para fins de relevância. O primeiro fator considerado foi o grau de definitude do locativo, que foi bastante significativo no estudo e os resultados mostraram-se bem polarizados. Segundo a professora, quando há uma maior definição do nome, há maior uso da preposição “em”, e quanto menor o grau de definição estabelecido pela ausência do determinante ou do artigo definido, demonstrando que o referente não é conhecido pelo informante, menor o uso da preposição “em”.

O segundo fator considerado foi o fator permanência no local. Quando há ideia de permanência, o maior uso é da preposição “para” e quando a indicação do locativo denota menor permanência, a preposição “em” é mais selecionada.

O terceiro fator é a configuração do nome do locativo. Nesse ponto, conforme Passos dos Santos (2015), todos os contextos de configuração do nome do locativo mostram relevância para o uso da preposição “em” comparada à preposição “a”. Para esse fator, a preposição “em” é mais selecionada para os contextos de lugar/objeto, lugar/instituição personificada, lugar/espço sócio-geográfico.

A naturalidade é o quarto fator, que apresentou bastante expressividade, considerando que os informantes que nasceram e moram na capital Luanda desde a infância mostram-se conservadores à norma, fazendo uso de apenas 20% da variedade não-padrão. Entre os falantes

com origem de outras localidades, há uma tendência a usar a preposição “em”, (51%), conforme a autora.

Finalmente, o quinto fator considerado foi a faixa etária. Conforme Passos dos Santos (2015), para a variável social idade, os falantes mais jovens fazem mais uso da variante não-padrão “em”. As faixas intermediária e de falantes mais velhos mostram-se mais conservadores com o uso frequente da preposição “para”.

Ainda em relação aos usos das preposições, Mingas (2000) relata que, em algumas regiões de Angola, onde o quimbundo também faz parte da realidade linguística dos falantes, “os bilíngues angolanos que se encontram ao nível do bilinguismo funcional não conseguem fazer a diferença entre as diversas funções das preposições “para”, “em” e “a” e produzem frases complexas”<sup>34</sup>:

(5) Vão depressa NA casa do camarada Nazário [em vez de: Ide depressa À casa...]

(6) Ainda antes de irem NA cama [em vez de: Antes de irem PARA A cama...]

(7) Começaram a contar NOS amigos [em vez de: Começaram a contar AOS amigos]

Para justificar o uso da preposição “em” nos dados de (5) a (7), Mingas chama a atenção para o fato de o quimbundo apresentar três morfemas no que diz respeito aos locativos (MINGAS, 2000, p.75):

(i) “ku”, que pode ser direcional (lugar distinto e distante) ou locativo (interioridade);

(ii) “mu”, que serve à expressão de interioridade;

iii) “bu”, que indica superposição.

Segundo Avelar (2017, p.29)

Para os adquirentes de português que tem o quimbundo como L1, parece não haver clareza quanto às correspondências entre as preposições locativo-direcionais portuguesas e os três morfemas locativos, o que vem resultando na generalização de “em” onde outras preposições seriam requeridas.

Mingas (2000, p.75) apresenta o morfema “ku” como recorrente nos mesmos padrões frásicos em que o item “em” se generalizou no PB, servindo tanto à expressão de direção quanto de interioridade<sup>35</sup>:

---

<sup>34</sup> Mingas (2000, p. 76), dados (a-c), renumerados. Os destaques em caixa alta nas preposições são nossos.

<sup>35</sup> Mingas (2000, p. 75), dados (a-c), renumerados.

(8) nde kuna "vai para lá"

/nde/ku-na

ir + imperativo/locat. + dem

(9) mwene wala kubata "ele está em casa"

/mwene/w-ala/ku-(di)bata

ele/ele-estar+imperfectivo/locat.-casa

(10) mwene wamuya kubata "ele vai para casa"

/mwene/u-amuya/ku-(di)bata

ele/ele-ir+progressivo/locat.-casa

Para Avelar (2017, p. 30), as propriedades do quimbundo, apresentadas em (8)-(10), acima, também são representativas da língua ibinda, presente em Cabinda, e considerando a proximidade genética e geográfica entre as duas línguas, “o traço inovador relativo aos novos usos de “em” na região de Cabinda pode ter a sua emergência atribuída à transferência de propriedades da L1 para o português adquirido como L2”.

Santos (2017), ao analisar a regência do verbo “ir” no português de Luanda, também chama a atenção para a semelhança encontrada nos dados angolanos e os dados para a variedade brasileira no que diz respeito ao baixo índice do uso da preposição “a” e a introdução da preposição “em” nos complementos direcionais. Segundo a autora, essa convergência entre o PB e o PA, no que concerne à regência do verbo “ir”

nos leva a considerar que o processo específico de transmissão linguística irregular pode, sim, ter desencadeado transferências de matrizes oracionais comuns a línguas bantas para o português adquirido como L2 por falantes nativos dessas línguas que transmitiram o input para várias gerações de falantes que adquiriram o português como L1 tanto no Brasil como em Angola (Santos, 2017, p. 168).

Dado o exposto e considerando a variabilidade das preposições introdutoras de argumentos em outras variedades da língua portuguesa e na modalidade oral do português angolano, analisaremos, no próximo capítulo, o comportamento dessas preposições na modalidade escrita do português de Angola.

## **CAPÍTULO 4**

### **AS PREPOSIÇÕES E OS VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS DE ANGOLA**

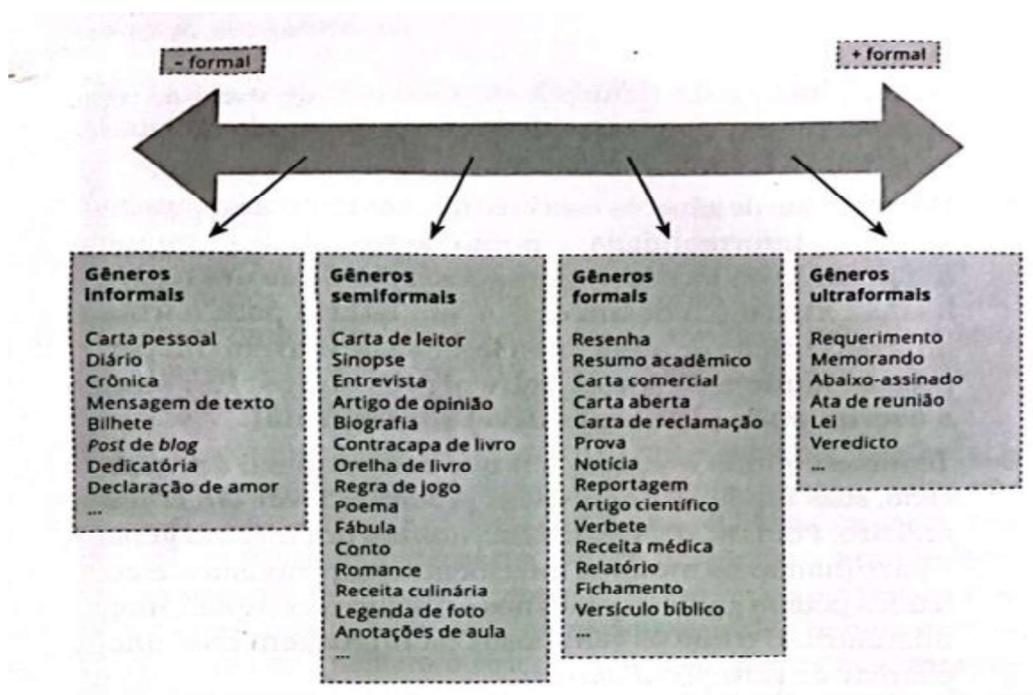
Dado o exposto e levando em consideração o que até aqui foi abordado, pretendemos explorar e compreender, neste capítulo, o comportamento das preposições introdutoras de argumentos requeridos por verbos direcionais na variante angolana da língua portuguesa. Para tanto, primordialmente, exporemos os métodos e meios utilizados, seguindo da análise individualizada de cada preposição.

#### **4.1. MÉTODOS E MEIOS**

Para a execução deste trabalho, que tem por características os seus teores bibliográficos, quantitativo e qualitativo, foram feitas diversas análises, a fim de compreender quais são as preposições selecionadas para a introdução de verbos direcionais na escrita formal do português de Angola. O caráter bibliográfico desta dissertação se manifesta a partir das fontes de pesquisas, que foram exclusivamente trabalhos e obras de outros autores que serviram como base de apoio e confronto da nossa pesquisa. Os caracteres qualitativo e quantitativo se baseiam nos pressupostos de entender a complexidade e os detalhes dos dados estudados e o mapeamento dos resultados, de modo a quantificar, estabelecer percentuais e médias dos resultados encontrados, respectivamente.

Como este trabalho se restringe à escrita, foram utilizados alguns materiais do gênero jornalístico que, segundo tabela de formalidade de Vieira e Faraco (2019), figuram como gêneros formais, que é o que o nosso trabalho busca, conforme segue abaixo:

Quadro 3: Grau de formalidade dos gêneros



Vieira e Faraco (2019)

Os autores tecem alguns comentários acerca da imagem acima e concordam que mediante a exposição aos diversos contextos situacionais, pode haver variação no que tange à proposição de formalidade dos gêneros apresentados, considerando que o veículo de circulação do gênero, a esfera social em que está situado, o perfil do seu leitor, entre outros fatores que podem levar a essa variação. Vieira e Faraco (2019) acrescentam ainda que, na mesma medida que é falsa a equivalência que é feita entre fala e informalidade, a associação da formalidade à escrita também não é um caminho interessante.

A partir do exposto, foram utilizados os seguintes materiais formais para a composição desta pesquisa:

1) JORNAL DE ANGOLA

- a. “A bolsa de estudo salvou a minha vida” (07/02/2021);
- b. “Donald Trump ‘sonha’ regressar à casa Branca” (02/03/2021);
- c. “Embaixada diz ter avisado o Governo sobre a viagem” (03/03/2021);
- d. “Presidente da República recebe em audiência empreiteiros de Caculo Cabaça” (14/03/2024);

- e. “João Lourenço regressa ao país” (23/03/2024);
- f. “Maria Joana da Piedade: ‘salvar vidas compensa o esforço que faço para chegar à Cabala’” (23/03/2024);
- g. “Corpo do músico Justino Handaga a caminho Huambo” (20/03/2024);
- h. “Justino Handaga vai hoje a enterrar no cemitério municipal do Bailundo” (21/03/2024).

## 2) TURIS ANGOLA – Jornal de Turismo de Angola

- a. Edição Número 8 de Outubro/2013;
- b. Edição Número 10 de Dezembro/2013;
- c. Edição Número 13 de Março/2014.

## 3) NOVO JORNAL

- a. “PR viaja para Lusaka onde vai participar numa cimeira extraordinária da SADC sobre a situação na RDC e em Moçambique” (22/03/2024);
- b. “Crise sem precedentes na Escola Francesa de Luanda” (22/03/2024);
- c. “África do Sul: Chuvas torrenciais provocam dezenas de mortos no Kwazulo - Natal - Número de vítimas deverá subir significativamente, advertem autoridades locais” (13/04/2022)

Para cada um desses materiais, foram realizadas leituras minuciosas, a fim de encontrar ocorrências do que é proposto como objeto de estudo deste trabalho, que são os verbos direcionais e suas respectivas preposições introdutórias. É importante ressaltar que foram encontradas diversas ocorrências de verbos direcionais, mas que não serviram para esta pesquisa por não estarem introduzidos por preposições. De igual modo, foram encontrados usos de preposições que indicavam movimento, mas estes não estavam sob influência de verbos direcionais. Abaixo, seguem exemplos de dados que não são pertinentes para esta pesquisa:

(1) “Para o Ano Novo, as saídas **de** Luanda **para** o Porto serão em vôo noturno e estão agendadas para os dias 3, 5 e 7 de janeiro de 2024, enquanto as saídas **do** Porto **para** Luanda serão em voos diurnos e estão marcadas para os dias 4, 6 e 8 de janeiro de 2024”.<sup>36</sup>

No exemplo acima (1), temos alguns exemplos de dados importantes, mas que não atendem ao objeto de pesquisa deste trabalho. É possível perceber a ocorrência de algumas sentenças que indicam movimentação, como em “de Luanda para o Porto” e em “do Porto para Luanda”. Esses dados não estão sendo considerados nos resultados desse trabalho exclusivamente pelo fato da ideia de movimentação não ser introduzida por um sintagma verbal.

Concernente aos dados que atendem às nossas necessidades, foram encontrados, nas três fontes de pesquisas, diversos verbos direcionais, conforme abaixo:

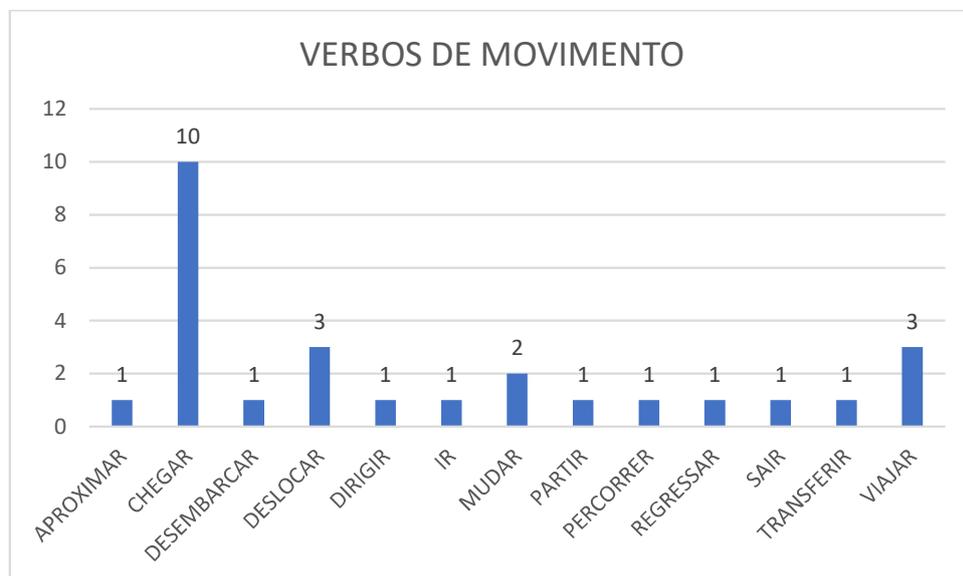
- Aproximar;
- Chegar;
- Desembarcar;
- Deslocar;
- Dirigir;
- Ir;
- Mudar;
- Partir;
- Percorrer;
- Regressar;
- Sair;
- Transferir;
- Viajar.

---

<sup>36</sup> Matéria do jornal “Novo Jornal”: “TAAG anuncia voos diretos Luanda-Porto para período do Natal e Ano Novo”. 06 de maio de 2023.

Abaixo, segue gráfico com demonstração da recorrência de cada verbo direcional de movimento dentro o corpus deste trabalho:

Gráfico 2: Panorama dos verbos de movimento

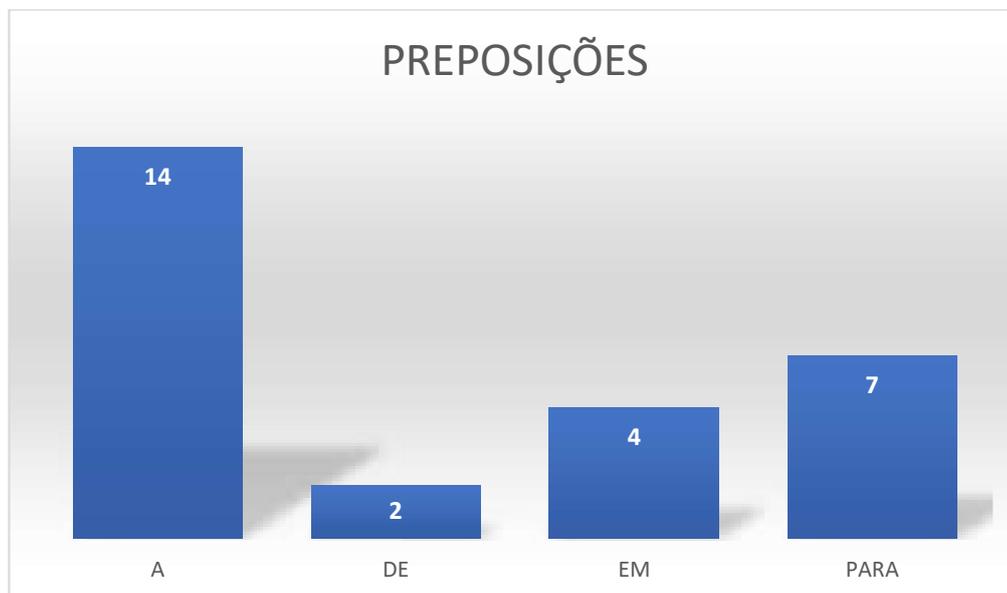


É importante mencionar que todos esses exemplares são configurados como verbos direcionais por envolverem o deslocamento do sujeito oracional. Introduzindo os argumentos desses verbos de movimentos, foram encontradas algumas preposições, nos materiais consultados, a saber:

- A;
- Para;
- Em;
- De.

Abaixo, segue panorama de frequência das ocorrências das preposições introdutoras de argumentos nos materiais consultados:

Gráfico 3: Panorama das Preposições



O corpus são jornais e revistas populares em Angola, que trazem questões de política, de esporte, educação, turismos, economia, cultura, opinião e temáticas referentes às notícias internacionais. São jornais bastante populares e que possuem fichas técnicas muito completas e bem divididas, o que soma confiabilidade às informações e credibilidade dos conteúdos. O “Novo Jornal”, por exemplo, conta com uma grande equipe multiprofissional. A direção é de Armindo Laureano. No setor de redação, Álvaro Victória ocupa o cargo de Chefe de redação, Antónia Santa, como secretária de redação e uma equipe de aproximadamente 10 colaboradores na carteira da redação. O jornal conta ainda com a revisão de Pedro Gomes.<sup>37</sup>

O “Jornal de Angola”, dirigido por Geraldo Quiala, também possui uma vasta equipe técnica e administrativa. A redação do Jornal de Angola é composta por Omar Prata (editor), Victória Ferreira, Nelma Inglês e Teresa Calibri.<sup>38</sup>

O “Turis Angola”, jornal de turismo de Angola, foi o único jornal que utilizamos as suas versões físicas/impressas. Esse jornal tem a direção de Carlos Costa e possui no seu corpo

<sup>37</sup> Informações extraídas da ficha técnica do jornal angolano “Novo Jornal”. Acessado em 27/03/2024. Disponível em: <https://www.novojornal.co.ao/ficha-tecnica.html>

<sup>38</sup> Informações extraídas da ficha técnica do jornal angolano “Jornal de Angola”. Acessado em 27/03/2024. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/ficha-tecnica/>

profissional os colaboradores Adolfo Bibi Cabenguele, Cândio Carneiro, Dulcineia Mayinguila, Maria Baptista, Teresa Moreira e Vera Cardoso.<sup>39</sup>

Após a análise desses jornais, destacamos os itens do nosso interesse. No total, foram analisadas 27 sentenças distribuídas nesses três jornais. Abaixo, veremos, individualmente, sentenças que contêm verbos direcionais e têm os seus argumentos internos introduzidos por preposições, seguidas das suas respectivas análises e referências.

#### 4.2. PREPOSIÇÃO “A”

A preposição “a”, em consonância com Vieira (2009), é uma palavra invariável que indica uma movimentação de aproximação de um limite. Nos materiais de análise utilizados para esta pesquisa, foram encontradas algumas situações de usos da preposição “a”, que serão discutidas abaixo:

(2) Você lembra o que viveu quando **chegou** À capital?<sup>40</sup>

(3) O que um estudante recém **chegado** AO país de origem deve fazer imediatamente?

Em negrito estão os verbos direcionais e as preposições que introduzem os complementos dessas sentenças estão sinalizados em caixa alta. Em (2), podemos perceber que o teor de movimentação se dá em razão da movimentação do sujeito “você” de um determinando ponto até a capital. Nesse exemplo, o verbo de movimento é “chegar” e o complemento desse verbo é introduzido pela preposição “A”. O mesmo se aplica ao que ocorre em (3). O sujeito sentencial (estudante) que chega ao país de origem, sendo “chegar” o verbo direcional que requisita o argumento “país de origem”, que é introduzido também pela preposição “A”.

(4) [...] **percorreu** AS instalações e AS oficinas gerais da empresa ferroviária...<sup>41</sup>

O dado exposto em (4) demonstra a movimentação realizada pelo sujeito da sentença que, conforme a fonte, trata-se da comitiva do partido maioritário. Essa sentença conta com

---

<sup>39</sup> Informações extraídas da versão física do jornal de turismo de Angola “Turis Angola”. Edição de número 08, de outubro de 2013, página 03.

<sup>40</sup> Dados (2) e (3) extraídos da matéria “A bolsa de estudo salvou a minha vida” do Jornal de Angola, do dia 07/02/2021.

<sup>41</sup> JORNAL DE ANGOLA – “MPLA defende o aumento da frequência de comboios” 04/03/2021

dois argumentos internos, ambos encabeçados pela preposição “a”, para preenchimento das lacunas deixadas pelo verbo direcional “percorrer”.

Na análise do material físico do Jornal de Turismo de Angola – TURIS ANGOLA, foram identificadas sentenças clássicas no que tange ao nosso objetivo de pesquisa, como seguem abaixo:

(5) **Dirigimo**-nos com os nossos convidados AO restaurante do resort.<sup>42</sup>

(6) Há dias **deslocámo**-nos AO nosso paradisíaco Musulo...

(7) [...] **chegámos** A Luanda para almoçar às 16 horas e 30 minutos.

Os verbos direcionais destacados acima são dados muito importantes, sobretudo por representar a materialização escrita dos discursos verbais. Em (5), temos o sujeito sentencial “nós” se dirigindo, junto com os seus convidados, ao restaurante do resort. O restaurante do resort é o ponto de chegada que marca o término da movimentação feita pelo sujeito da sentença, motivado pela presença do verbo de movimento “dirigir”. O complemento desse verbo (restaurante do resort), é introduzido pela preposição conservadora “a”.

A mesma situação se aplica ao exemplo de número (6). “Nós” é o sujeito da oração que está se deslocando de um determinado ponto de partida a um determinado ponto de referência que, nesse caso, seria “o nosso paradisíaco Mussulo”. Esse argumento do verbo, por sua vez, também vem sendo encabeçado pela preposição conservadora “a”.

#### 4.3. PREPOSIÇÃO “DE”

A preposição “de” é, também, uma palavra invariável que pode indicar movimento. Essa preposição comumente explicita o local de partida da movimentação, indicando o início do trajeto, uma contagem ou até medição. Vejamos, abaixo, exemplos:

(8) [...] aos poucos vou me **aproximando** DA realização.<sup>43</sup>

O exemplo (8) foi extraído de uma matéria jornalística do Jornal de Angola, cujo título é “A bolsa de estudo salvou a minha vida”, de 07/02/2021. Nesse exemplo, seguindo o princípio

---

<sup>42</sup> Dados (5), (6), e (7) extraídos de TURIS ANGOLA – Jornal de Turismo de Angola Edição Número 13 de Março/2014.

<sup>43</sup> JORNAL DE ANGOLA – “A bolsa de estudo salvou a minha vida” - 07/02/2021.

dos verbos direcionais, pode-se perceber que o sujeito da oração “eu” (oculto), faz um movimento de aproximação até a realização, trazendo uma ideia de ação ainda não concluída, pois o sujeito ainda não chegou à realização, ele está em processo de aproximação. O VM utilizado na sentença (8) é o verbo “aproximar”, que exige um argumento interno para complementar o seu sentido e seleciona a preposição “de”. Nesse exemplo, a preposição “de” traz uma carga semântica de medição, trazendo para o leitor, de forma implícita, o entendimento de que a distância entre o sujeito da oração e o ponto de chegada é curta.

(9) A enfermeira **sai**, habitualmente, DE casa por volta das cinco horas da manhã.

O exemplo acima é oriundo de uma outra matéria jornalística do Jornal de Angola, de 23/03/2024, intitulado de “Maria Joana da Piedade: ‘Salvar vidas compensa o esforço que faço para chegar à Cabala’”. Partindo do mesmo pressuposto dos verbos direcionais, o sujeito sentencial, representado pela enfermeira, realiza uma movimentação. Casa é o argumento interno requerido pelo verbo transitivo indireto “sair”, que, introduzido pela preposição “de”, completa a significação da oração. Nesse sentido, a preposição não indica a movimentação de destino, indica, sim, a movimentação de partida, deixando explícito qual é o ponto de partida da enfermeira, o sujeito da oração.

#### 4.4. PREPOSIÇÃO “EM”

A preposição “em”, conforme Vieira (2009), é a palavra invariável que tende para uma posição de contato ou de interioridade. Para Avelar (2017), a preposição “em” se enquadra no grupo das preposições inovadoras, que são os usos que se distanciam da norma europeia da língua portuguesa. Ainda sobre a questão da inovação na seleção da preposição “em”, Avelar (2017) afirma que esses usos têm apresentado bastante recorrência nas variedades que se formaram e/ou que ainda estão em processo de formação em situações de contato interlinguístico, o que aponta para variações oriundas do contato linguístico.

(10) Ao **chegar** EM Luanda encantei-me com o mar...<sup>44</sup>

No exemplo de número (10), pode-se considerar o mesmo fluxo de análise: o sujeito da oração “eu” que se deslocou até um ponto determinado, que é a cidade de Luanda, que figura

---

<sup>44</sup>Exemplo (10) extraído de JORNAL DE ANGOLA – “A bolsa de estudo salvou a minha vida” - 07/02/2021

como o complemento do verbo e seleciona a preposição “em” para completar o seu sentido. Essa sentença (10) é muito importante porque embora se trate de um item escrito, conforme objetivos deste trabalho, essa frase é a materialização escrita de um discurso oral, o que ratifica as palavras de Vieira (2009), sobre a afeição ao uso da preposição “em” nos episódios de comunicações orais.<sup>45</sup>

(11) O diplomata e o agente policial **vijavam** NUM comboio do PAM...<sup>46</sup>

Em (11) pode-se perceber mais uma contração gramatical da língua portuguesa oriunda do encontro entre a preposição “em” e o artigo indefinido “um”, resultando na construção preposicional “num”. Na sentença acima, os sujeitos oracionais – o diplomata e o agente policial – realizam a sua movimentação por intermédio de um comboio<sup>47</sup>, daí a seleção direta da preposição “em”. A preposição utilizada em (11) é bastante importante pois, mais uma vez, comprova a carga semântica contida em cada preposição, considerando que esse uso, em específico, indica o meio da viagem e não o ponto de partida/chegada.

Considerando que no exemplo (11) a preposição “em” apareceu no formato “num” (contração da preposição em + artigo um), é importante analisar como são realizadas algumas das contrações das preposições na língua portuguesa:

Tabela 6: Contrações gramaticalizadas na LP

CONTRAÇÕES GRAMATICALIZADAS NA LP					
	<b>Por</b>	<b>A</b>	<b>para</b>	<b>de</b>	<b>em</b>
<b>o</b>	pelo	Ao	pro	do	no
<b>a</b>	pela	À	pra	da	na
<b>os</b>	pelos	Aos	pros	dos	nos
<b>as</b>	pelas	Às	pras	das	nas
<b>um</b>				dum	num
<b>uma</b>				duma	numa
<b>uns</b>				duns	nuns
<b>umas</b>				dumas	numas

<sup>45</sup> Ratificamos que esse uso específico é oriundo da oralidade/fala e que está materializado na escrita. Não houve correção da fala do entrevistado por parte do jornal, mantendo a originalidade do seu discurso oral com o uso da preposição “em”.

<sup>46</sup> JORNAL DE ANGOLA – “Embaixada diz ter avisado o Governo sobre viagem” - 03/03/2021

<sup>47</sup> Comboio pode fazer referência tanto ao trem quanto a um grupo de veículos se locomovendo em fileira, sob uma escolta.

<b>ele</b>				dele	nele
<b>ela</b>				dela	nela
<b>eles</b>				deles	neles
<b>elas</b>				delas	nelas
<b>este</b>				deste	neste
<b>isto</b>				disto	nisto
<b>esse</b>				desse	nesse
<b>isso</b>				disso	nisso
<b>aquele</b>		àquele	praquele	daquele	naquele
<b>aquilo</b>		àquilo	praquilo	daquilo	naquilo

(12) O estadista que **desembarcou** esta manhã NA República Popular da China...<sup>48</sup>

(13) A urna contendo o corpo do cantor **chegou** NA cidade do Huambo às 17 horas de ontem...<sup>49</sup>

Em (12) e em (13) fica explicitado o teor inerentemente locativo da preposição “em” apontado por Santos (2017). No exemplo (12), “o estadista” é o sujeito oracional que realiza um deslocamento, finalizado pelo verbo de movimento “desembarcar” e marca o local de chegada com o complemento indireto “República Popular da China” requerido pelo verbo. A preposição selecionada pelo complemento foi a preposição “em” por se tratar de uma chegada em um lugar específico.

No exemplo (13), percebe-se a presença do verbo direcional “chegar”. Conforme as regras da norma culta da língua portuguesa, o verbo “chegar” é regido pela preposição “a”, ou seja, quem ou o que chega, chega a algum lugar. Em (13), segundo a matéria do Jornal de Angola, a urna que contém o corpo do cantor Justino Handaga chegou na cidade, e não a cidade, explicitando um uso que se afasta do que está previsto nas regras da norma culta da LP e é tido como informal/coloquial.

#### 4.5. PREPOSIÇÃO “PARA”

<sup>48</sup> JORNAL DE ANGOLA - Presidente da República recebe em audiência empreiteiros de Caculo Cabaça - 14/03/2024

<sup>49</sup> JORNAL DE ANGOLA - Justino Handaga vai hoje a enterrar no cemitério municipal do Bailundo - 21/03/2024

Em consonância com Vieira (2009), a preposição “para” é a palavra invariável utilizada na introdução de verbos direcionais e que indica a aproximação de um limite, finalidade e direção. Ainda de acordo com Vieira (2009), baseado na tradição gramatical, vários verbos direcionais, como ir, chegar e vir devem ser empregados com a preposição “a” ou “para”.

A partir das análises dos materiais que serviram de base para esta pesquisa, foram encontradas as seguintes ocorrências de sentenças com a preposição “para”:

- (14) Devido à guerra civil teve de **mudar-se** PARA Luanda em companhia dos pais.<sup>50</sup>
- (15) [...] quando **mudou-se** de armas e bagagens PARA a Casa Branca.<sup>51</sup>

Os exemplos (14) e (15) são bem interessantes por serem oriundos de fontes diferentes e carregarem as mesmas características no que tange ao verbo direcional e à seleção preposicional.

Em (14), temos o sujeito sentencial “ele” (oculto) diante de uma situação de movimentação já finalizada, situação que fica expressa pelo tempo verbal de “mudou-se”, que está conjugado no pretérito perfeito, indicando uma situação que foi concluída no passado. O verbo mudar, nesse sentido, se comporta como um verbo transitivo indireto, requisitando um complemento preposicionado. A preposição requerida pelo complemento precisa indicar uma finalidade/direção, daí a seleção da preposição “para”.

No exemplo (15), a situação é bem parecida com o exemplar (14). O sujeito da oração “ele” (oculto), realizou uma mudança, o que caracteriza a movimentação verbal. Sendo o verbo “mudar” um VTI, ele necessita de um complemento para o seu preenchimento semântico. O complemento do verbo é “a Casa Branca”, que seleciona a preposição “para” para completar o sentido de destino em “Casa Branca”.

- (16) 97 milhões de turistas chineses **viajaram** PARA o estrangeiro em 2013.<sup>52</sup>
- (17) PR **viaja** PARA Lusaka onde vai participar numa cimeira extraordinária da SADC...<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup> JORNAL DE ANGOLA – “A bolsa de estudo salvou a minha vida” - 07/02/2021

<sup>51</sup> JORNAL DE ANGOLA – “Donald Trump ‘sonha’ regressar à Casa Branca” - 02/03/2021

<sup>52</sup> TURIS ANGOLA – Jornal de Turismo de Angola Edição Número 13 de Março/2014.

<sup>53</sup> NOVO JORNAL - PR viaja para Lusaka onde vai participar numa cimeira extraordinária da SADC sobre a situação na RDC e em Moçambique - 22/03/2024.

Nos exemplos (16) e (17) também temos situações bem similares, em que os verbos direcionais e as preposições coincidem, tendo divergência apenas no número (plural/singular). Nesses exemplos, pode-se perceber que o verbo direcional “viajar” indica a movimentação do sujeito oracional de um local-base até o ponto de chegada, que são os argumentos desses verbos. Como é necessária uma preposição que indique destino, ambos os complementos selecionam a preposição “para” para os seus respectivos preenchimentos semânticos.

(18) [...] quando **vai** PARA o seu local de trabalho...<sup>54</sup>

(19) Maria da Piedade já pensou em **pedir transferência** PARA uma unidade de saúde mais próxima...<sup>55</sup>

(20) Os restos mortais do músico Justino Handanga **partem** PARA a província do Huambo.<sup>56</sup>

Nos exemplos acima, temos situações bem distintas umas das outras. Em (18), temos um exemplo conservador padrão, com o verbo “ir” conjugado na terceira pessoa do singular (ele vai). Em consonância com Vieira (2009), de acordo com a tradição gramatical, para o verbo de movimento “ir”, necessariamente devemos empregar a preposição “para” ou “a” (nesse caso, foi empregada a preposição “para”), uma vez que essas preposições carregam sentido de direção.

Em (19) e (20) também nos deparamos com exemplares de verbos direcionais que possuem as suas argumentações internas introduzidas pela preposição “para”, trazendo a ideia de deslocamento para os sujeitos oracionais.

A partir do exposto e do explorado, temos o seguinte panorama das preposições nas fontes de consulta desse trabalho:

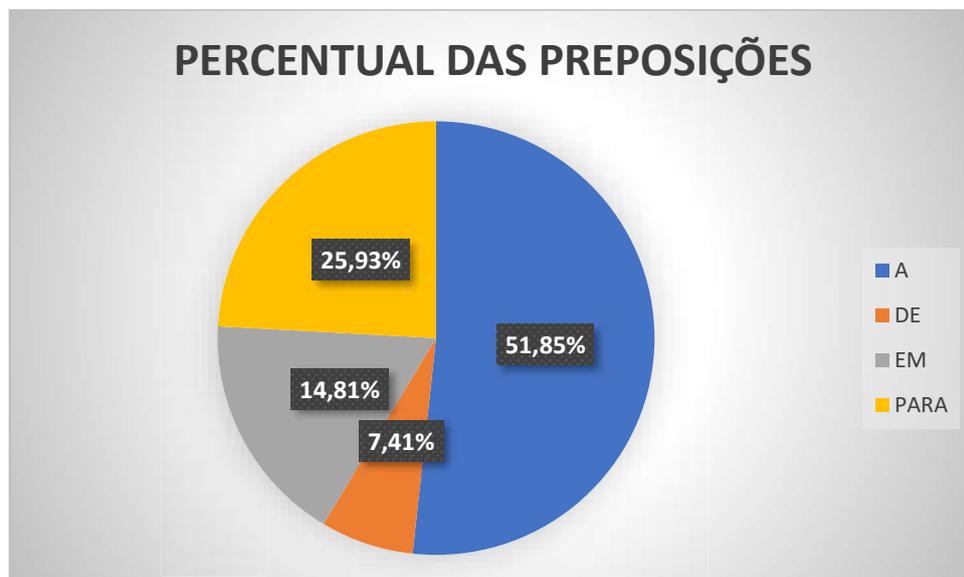
---

<sup>54</sup> Dados (18) e (19) oriundos do JORNAL DE ANGOLA - Maria Joana da Piedade: “Salvar vidas compensa o esforço que faço para chegar à Cabala” -23/03/2024

<sup>55</sup> Nesse exemplo, é importante ressaltar que embora “pedir” não se enquadre como um verbo direcional, a sua união com o substantivo “transferência” traz a ideia de movimentação. A partir disso, pode-se presumir que “transferência” corresponde à substantivação do verbo “transferir”.

<sup>56</sup> JORNAL DE ANGOLA - Corpo do músico Justino Handanga a caminho Huambo - 20/03/2024.

Gráfico 4: Percentual das Preposições



Considerando as três fontes de consulta – Jornal de Angola, Novo Jornal de Angola e Jornal de Turismo de Angola – foram consideradas, no total, 27 sentenças, o que corresponde a 27 ocorrências de preposições introduzindo verbos direcionais. Conforme a tabela acima, sobre o panorama das preposições, temos a preposição “a” liderando o *ranking* com 14 ocorrências, o que corresponde, aproximadamente, a metade dos dados. Logo em seguida, vem a preposição “para”, com sete ocorrências num universo de 27 sentenças, se juntando à preposição “a” no *hall* de preposições conservadoras. Em terceiro lugar, temos a preposição inovadora “em”, com quatro ocorrências, seguida da preposição “de”, que teve duas ocorrências.

Por conseguinte, a partir do exposto, pode-se perceber maior afeição à normatividade no que tange à seleção de preposições introdutoras de argumentos na regência de verbos direcionais na modalidade escrita do PA. Conforme Afonso (2020), o português de Angola, ainda hoje, tem como norma padrão o português europeu e, por causa disso, nesse trabalho, constatamos a predominância da regência verbal nos parâmetros normativos, considerando que foram analisados materiais que fazem parte de um escopo formal.

Para além disso, embora tenha sido constatada a afeição ao conservadorismo com a predominância das preposições “a” e “para” na introdução argumental dos verbos de movimento, pôde-se perceber, mesmo que numa escala muito menor, a alternância com as preposições “em” e “de”, que aconteceram em situações bem específicas, como na indicação

da origem de uma determinada movimentação, por exemplo (no caso da ocorrência da preposição “de”).

É importante ressaltar que, embora no *corpus* deste trabalho haja ocorrências de preposições que fogem à regra da norma culta da língua portuguesa, ainda que esse *corpus* seja oriundo da língua escrita, de materiais que fazem parte de um grupo formal, a maioria das ocorrências de uso da preposição “em” faz parte da língua oral, fruto de entrevistas, e que teve a sua escrita materializada na redação do jornal. Esse dado ratifica o resultado encontrado por Afonso (2020), no qual o autor faz estudos sobre as regências dos verbos direcionais no português falado de Angola e os seus resultados indicam para uma maior afeição ao uso da preposição “em”, sobretudo nas classes menos escolarizadas.

Em síntese, neste trabalho, cujo objetivo é a descrição da seleção de preposições introdutoras de argumentos direcionais na escrita formal do PA, ratificamos que, no que respeita à seleção preposicional na introdução argumental dos verbos de movimento, no português de Angola, o que prevalece é o conservadorismo da norma ibérica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, no primeiro capítulo dessa dissertação, descrevemos os percursos sociais, históricos e linguísticos que influenciaram no processo de surgimento da nação angolana. Para além disso, apresentamos o proceder da nativização e oficialização da língua portuguesa em territórios angolanos, bem como os seus respectivos impactos.

No capítulo seguinte, discutimos questões de normas linguísticas e gêneros textuais, trazendo à tona o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa em Angola, questões atreladas às variações linguísticas e às relações entre gêneros textuais, oralidade e escrita. Para além disso, no capítulo dois, abordamos as práticas sociais que se relacionam com a oralidade e a escrita e trouxemos o panorama de norma e variação no contexto angolano.

Já no capítulo de número três, abordamos a temática dos verbos de movimento e preposições. Nessa oportunidade, expusemos algumas definições de preposições, inclusive abordando os seus valores em diferentes contextos. Para além disso, exploramos as nuances dos verbos de movimento, tanto no contexto angolano da língua portuguesa, quanto em outras variedades.

Enfim, no quarto capítulo, apresentamos a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho, exibindo e explorando os dados que foram encontrados no decorrer da pesquisa.

Sendo assim, a partir dos dados analisados, no que diz respeito às seleções de preposições para introdução dos complementos direcionais requeridos pelos verbos de movimento, pôde-se notar uma considerável alternância nessas seleções. Foram analisadas 27 sentenças oriundas de três materiais diferentes (Jornal de Angola, Turis Angola – Jornal de Turismo de Angola, e Novo Jornal de Angola) que tiveram comportamentos singulares entre si, ora apontando para traços inovadores, ora apontando para traços conservadores, nos termos de Avelar (2017).

Dentre as mais variadas preposições da língua portuguesa, nessa pesquisa, conforme falamos, tivemos alternâncias entre as preposições *a*, *para*, *em* e *de*, em proporções bem diferentes. Dentre as 27 sentenças analisadas, aproximadamente metade das ocorrências expressam o uso massivo da preposição “a” na introdução dos argumentos internos requisitados pelos verbos de movimento, o que equivale a 51,85% (14 ocorrências). Seguindo a preposição

“a”, em segundo lugar, temos a preposição “para” que performa com 25,93% das ocorrências, ou seja, em um universo de 27 sentenças, sete tiveram inclinação para o uso da preposição “para”.

Em consonância com Vieira (2009), os dados acima apontam para o que prevê a tradição gramatical, cuja regra estabelece que os verbos de movimento devem ser regidos pela preposição “a” ou “para”, exclusivamente, pois estas carregam consigo a carga semântica de direcionamento.

Seguindo essas informações, em terceiro lugar, temos a preposição “em” performando com 14,81% das ocorrências, o que equivale a quatro usos dessa preposição e a preposição “de”, que performa com 7,41% dos dados, o que equivale a duas ocorrências. Diferente das duas primeiras e mais recorrentes preposições, que Avelar (2017) configura como usos conservadores por seguirem a norma europeia da língua portuguesa, os usos da preposição “em” são caracterizados como inovadores, pelo fato de se distanciarem dos usos normativos europeus.

Dado o exposto e considerando as análises do corpus deste trabalho, pode-se concluir que, na escrita formal do português angolano, no que tange à seleção de preposições introdutoras de argumentos requeridos pelos verbos direcionais de movimento, existe maior afeição à normatividade europeia, o que fica explícito pela maior recorrência na seleção das preposições “a” e “para”, inerentemente conservadoras, na complementação verbal dos verbos direcionais.

Para além disso, embora tenha havido ocorrência da preposição “em”, que foge à norma padrão, pode-se notar que essas ocorrências, em sua maioria, dizem respeito a materializações da língua falada na língua escrita, o que torna evidente as diferenciações entre o português angolano falado, que apresenta maior recorrência da preposição “em” na introdução de complementos direcionais (AFONSO, 2020; AVELAR, 2017) e o português angolano escrito, que tem maior afeição à norma europeia da LP.

Ademais, faz-se necessária a ampliação deste trabalho, de modo a corroborar para a validação de uma norma da língua portuguesa essencialmente angolana.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Horácio. *Regência dos verbos de movimento/ Um estudo comparativo entre o português de Angola e o português europeu*. Dissertação de mestrado. Universidade do Minho, 2020.
- AVELAR, Juanito. Complementos direcionais em afro-variedades de português e espanhol. *Moderna Sprak*, p. 15-44, 2017.
- AVELAR, Juanito. Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, 14, p.99-144, 2006.
- AZEREDO, José Carlos. Gramática Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Parábola, 2021.
- BACELAR, Laércio Nora; GÓIS, Marcos L. S. A produtividade do léxico tupinambá no português do Brasil. *Signótica Goiânia-GO*, v. 09, p. 105-118, 1997.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, Isis Juliana; FIGUEIREDO, Cristina. o (não) uso das preposições dativas e a relexificação de para no português afro-brasileiro. *Estudos Linguísticos e Literários*, n.68, p.453-483, 2020.
- BERNARDO, Ezequiel Pedro José. Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola. *RILP*, n.32, p.39-54, 2017.
- BONVINI, Emilio. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: PETTER, Margarida; FIORIN, José Luiz (orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRANDÃO, H. H. N. GÊNEROS DO DISCURSO: UNIDADE E DIVERSIDADE. *Polifonia*, [S. l.], v. 8, n. 08, 2004. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1127>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- BRITO, Ana Maria. As construções ditransitivas do português angolano e do português moçambicano revisitadas. In: VIEIRA, Márcia dos Santos Machado; MEIRELES, Vanessa. *Variação em português e em outras línguas românicas*. São Paulo: Blucher, 2022, p. 189-194.
- CALINDRO, Ana Regina Vaz. Um estudo sobre as preposições introdutoras de argumentos em português brasileiro. *Linguística* 31-2, 2015, p. 61-72.
- CASTILHO, Ataliba. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- conceptual*. Tese de doutoramento. Universidade Federal de Santa Catarina.
- CUNHA, Antônio G. Dicionário histórico de palavras portuguesas de origem tupi 4. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: UnB, 1998.

Cunha, c., & Cintra, l. Nova gramática do português contemporâneo - 7. ed., reimpr. — Rio de Janeiro : Lexikon, 2017. 800 p., recurso digital

DE CASTRO, Y. P. Das línguas africanas ao português brasileiro. Afro-Ásia, Salvador, n. 14, 1983. DOI: 10.9771/aa.v0i14.20822. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20822>. Acesso em: 8 abr. 2024.

Dias, Jill. As primeiras penetrações portuguesas em África. In: Albuquerque, L. (org). *Portugal no mundo*. Vol. I. Lisboa: Publicações Alfa, 1989, p. 281-299.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. Para conhecer norma linguística. São Paulo: Contexto, 2017.

Fernando, J., & Ntondo, Z. (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Nzila.

FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; OLIVEIRA, Márcia. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. *PAPIA*, v.23, n.2, p.105-185, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.

GONÇALVES, Rita (2010). “A preposição a no português de S. Tomé”, in Brito, Ana Maria, Fátima Silva, João Veloso e Alexandra Fiéis (orgs.), *Textos selecionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2009, Lisboa: Edições Colibri, 475-486.

GUELEKA, José. *O Processo de Nativização do Português em Angola*. In: TIMBATE, Alexandre et al (orgs.). *O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino*. São Paulo: Opção Editora, 2021, p.174-193.

HAGEMEIJER, Tjerk. 2016. O português em contacto em África. In: MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina. (eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*, Berlim: Mouton de Gruyter, 2016, p.43-67

HERNANDEZ, Leila. *A África na sala de aula*. 2ª ed. rev. São Paulo: Selo Negro, 2008.

ILARI, Rodolfo et al. A preposição. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*: vol. IV: palavras de classe fechada. São Paulo: Contexto, 2015, p. 163-310.

INVERNO, Liliana. A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sistema nominal. In: CARVALHO, Ana Maria (Ed.). *Português em contato*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Editorial Vervuet, 2009, p.87-106.

Júnior, I. R. (2015). *Verbos de movimento e sua representação na estrutura léxico*

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto; FIGUEIREDO, Cristina. português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 75-100.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil* / Renato Mendonça, apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. — Brasília : FUNAG, 2012. 200 p.; 15,5x22,5 cm.

MIGUEL, Maria Helena. *A língua portuguesa em Angola: normativismo e glotopolítica*. *LUCERE* 5, Luanda, ano 4, p.35-48, 2008.

MINGAS, Amélia. *Português em Angola: reflexões*. *VIII Encontro das Universidades de Língua Portuguesa*. Comunicação oral. 1998.

MOLLICA, Maria Cecília. *A regência verbal do verbo ir em movimento*. In: Silva, Gisele Machline & Marta Scherre (orgs.). *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.85-119.

OLIVEIRA, Heloisa. *Língua Portuguesa em Angola: silenciamentos, isolamentos e hierarquias*. *Revista da ABRALIN*, v. 17, n. 2, p.234-269, 2019.

OLIVEIRA, Marilza de. *A preposição a no Português Moçambicano*. *Comunicação apresentada no 53º Seminário do GEL*, UFSCar, São Carlos, 2005.

PERINI, Mario A. — *Princípios de Linguística Descritiva: Introdução ao Pensamento Gramatical* – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PÉLISSIER, René. *Histórias das campanhas de Angola: resistência e revoltas (1845- 1941)*, Vols. I e II. Lisboa: Editora Estampa, 1977.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Variedades lingüísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano*. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PIRES, Marcos Eroni. *A sintaxe de constituintes locativos no PB: restrição e predicação*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.

Raposo, E., & Xavier, M. (2013). *Preposição e sintagma preposicional*. in: E. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português*, Vol 2 (pp. 1497-1564). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SANTOS, Eduardo Ferreira dos. *Sentenças marcadas para o foco no português do Libolo: uma proposta de análise derivacional*. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Eduardo. *A língua portuguesa como variedade nacional em Angola*. In: SOUZA, Sweder; OLMO, Francisco Calvo del. (Orgs.). *Línguas em Português: A lusofonia numa visão crítica*. Porto: U. Porto Press, 2020, p. 43-57.

SANTOS, Maria Rosane. *Um estudo sobre a regência do verbo ir*. In: TEIXEIRA, E.P. & ARAUJO, S.S.F. *Diálogos entre Brasil e Angola: o português daqui e dali*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017, p. 145-173.

SASSUCO, Daniel Peres; "Pistas essenciais para um português de Angola", p. 199 -218. In: Kadila: culturas e ambientes - Diálogos Brasil-Angola.

SILVA, Manoel; ARAUJO, Silvana. A variação nas preposições locativas no português falado em Barra/Bananal e em Luanda. *XXIII Seminário de Iniciação Científica da UEFS. Semana nacional de científica e tecnológica*, 2019.

SOUZA, Emerson Santos de. A preposição 'ni' no continuum rural-urbano de comunidades baianas. Dissertação de Mestrado, UEFS, 2015.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida; BERLICK, Rosane de Andrade. "Eu disse pra ele" ou "disse-lhe a ele": a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In: CASTILHO, Ataliba et al (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Pontes/FAPESP, 2007, p.61-74.

UNDOLO, Márcio. Caracterização da norma do português em Angola. Tese de doutorado. Universidade de Évora, 2014.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. *Escrever na Universidade: fundamentos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. Variação das preposições em verbos de movimento. *Signum*, v.12, n.1, 2009, p. 423-445.

ZAU, Domingos Gabriel Dele. *A língua portuguesa em Angola*. Um contributo para o estudo da sua nacionalização. Universidade da Beira Interior. Tese de Doutorado, 2011.

## ANEXOS

Tabela 7: Verbos de movimento e preposições selecionadas

VERBO DE MOVIMENTO	FORMA NOMINAL	PREPOSIÇÃO	COMPLEMENTO	FONTE
CHEGAR	CHEGOU	À	CAPITAL	JORNAL DE ANGOLA – “A bolsa de estudo salvou a minha vida” - 07/02/2021
CHEGAR	CHEGAR	EM	LUANDA	JORNAL DE ANGOLA – “A bolsa de estudo salvou a minha vida”
CHEGAR	CHEGADO	AO	PAÍS	JORNAL DE ANGOLA – “A bolsa de estudo salvou a minha vida” - 07/02/2021
APROXIMAR	APROXIMANDO	DA	REALIZAÇÃO	JORNAL DE ANGOLA – “A bolsa de estudo salvou a minha vida”
MUDAR	MUDAR-SE	PARA	LUANDA	JORNAL DE ANGOLA – “A bolsa de estudo salvou a minha vida”
MUDAR	MUDOU-SE	PARA	A CASA BRANCA	JORNAL DE ANGOLA – “Donald Trump ‘sonha’ regressar à Casa Branca”
VIAJAR	VIAJAVAM	NUM	COMBOIO	JORNAL DE ANGOLA – “Embaixada diz ter avisado o Governo sobre viagem”
PERCORRER	PERCORREU	AS	INSTALAÇÕES	JORNAL DE ANGOLA – “Embaixada diz ter avisado o Governo sobre viagem”
DIRIGIR	DIRIGIMO-NOS	AO	RESTAURANTE	TURIS ANGOLA – Jornal de Turismo de Angola Edição Número 8 de Outubro/2013.
VIAJAR	VIAJARAM	PARA	O ESTRANGEIRO	TURIS ANGOLA – Jornal de Turismo de Angola Edição Número 8 de Outubro/2013.
DESLOCAR	DESLOCAMO-NOS	AO	NOSSO PARADISIÁCO	TURIS ANGOLA – Jornal de Turismo de Angola Edição Número 8 de Outubro/2013.
CHEGAR	CHEGAMOS	A	LUANDA	TURIS ANGOLA – Jornal de Turismo de Angola Edição Número 8 de Outubro/2013.
DESLOCAR	DESLOCOU-SE	À	COMUNA	TURIS ANGOLA – Jornal de Turismo de Angola Edição Número 8 de Outubro/2013.
DESEMBARCAR	DESEMBARCOU	NA	REPÚBLICA	JORNAL DE ANGOLA - Presidente da República recebe em audiência empreiteiros de Caculo Cabaça - 14/03/2024
REGRESSAR	REGRESSA	AO	PAÍS	JORNAL DE ANGOLA - João Lourenço regressa ao país JA Online - 23/03/2024

CHEGAR	CHEGAR	À	CABALA	JORNAL DE ANGOLA - Maria Joana da Piedade: "Salvar vidas compensa o esforço que faço para chegar à Cabala" -23/03/2024
IR	VAI	PARA	O SEU LUGAR	JORNAL DE ANGOLA - Maria Joana da Piedade: "Salvar vidas compensa o esforço que faço para chegar à Cabala" -23/03/2024
SAIR	SAI	DE	CASA	JORNAL DE ANGOLA - Maria Joana da Piedade: "Salvar vidas compensa o esforço que faço para chegar à Cabala" -23/03/2024
CHEGAR	CHEGAR	AO	POSTO DE SAÚDE	JORNAL DE ANGOLA - Maria Joana da Piedade: "Salvar vidas compensa o esforço que faço para chegar à Cabala" -23/03/2024
TRANSFERIR	TRANSFERÊNCIA	PARA	UMA UNIDADE	JORNAL DE ANGOLA - Maria Joana da Piedade: "Salvar vidas compensa o esforço que faço para chegar à Cabala" -23/03/2024
CHEGAR	CHEGAR	A	CASA	JORNAL DE ANGOLA - Maria Joana da Piedade: "Salvar vidas compensa o esforço que faço para chegar à Cabala" -23/03/2024
PARTIR	PARTEM	PARA	A PROVÍNCIA	JORNAL DE ANGOLA - Corpo do músico Justino Handanga a caminho Huambo - 20/03/2024
CHEGAR	CHEGOU	NA	CIDADE	JORNAL DE ANGOLA - Justino Handanga vai hoje a enterrar no cemitério municipal do Bailundo - 21/03/2024
VIAJAR	VIAJA	PARA	LUSAKA	NOVO JORNAL - PR viaja para Lusaka onde vai participar numa cimeira extraordinária da SADC sobre a situação na RDC e em Moçambique - 22/03/2024
DESLOCAR	DESLOCA-SE	À	CAPITAL	NOVO JORNAL - PR viaja para Lusaka onde vai participar numa cimeira extraordinária da SADC sobre a situação na RDC e em Moçambique - 22/03/2024
CHEGAR	CHEGOU	A	ANGOLA	NOVO JORNAL - Crise sem precedentes na Escola Francesa de Luanda - 22/03/2024
CHEGAR	CHEGAM	ÀS	ÁREAS	NOVO JORNAL - África do Sul: Chuvas torrenciais provocam dezenas de mortos no Kwazulo - Natal - Número de vítimas deverá subir significativamente, advertem autoridades locais - 13/04/2022

